

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

CRÔNICAS DE UM SÁBIO ACONSELHADOR:

Estratégias narrativas de Carlos Reverbel na *Folha da Tarde* (1979)

Priscila Godoy Muzykant

Porto Alegre
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

CRÔNICAS DE UM SÁBIO ACONSELHADOR:

Estratégias narrativas de Carlos Reverbel na *Folha da Tarde* (1979)

Priscila Godoy Muzykant

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Dra. Cida Golin

Porto Alegre
2013

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Isabel e Juarez, pelo incentivo, pelo apoio em todos os momentos e por fornecerem as bases que compõem os meus valores.

Ao Mateus, pela alegria de sempre, pelo companheirismo e carinho.

À minha orientadora Cida Golin, por ter me conduzido na realização deste trabalho e por sua sabedoria e generosidade ao compartilhar conhecimentos.

À Fabico, onde vivenciei muitos aprendizados.

RESUMO

Este trabalho estuda cinco crônicas de Carlos Reverbel publicadas no jornal *Folha da Tarde*, entre janeiro e setembro de 1979. A questão norteadora da pesquisa é: quais são as figuras do narrador e do narratário presentes nas crônicas de Reverbel e que tipo de relação se estabelece entre ambos? O objetivo geral é identificar a figura do narrador presente nos textos, analisando as estratégias textuais majoritariamente utilizadas na criação do vínculo com o narratário. Por meio de pesquisa bibliográfica buscamos compreender as características do gênero crônica e a sua inserção no espaço jornalístico opinativo de coluna, além de contextualizarmos a trajetória profissional do jornalista Carlos Reverbel. Realizamos análise de narrativa em um *corpus* de pesquisa composto por cinco crônicas, constatando-se que o narrador utiliza-se de algumas estratégias textuais para comunicar-se com o narratário, assumindo a postura de um sábio aconselhador. Reverbel opina e persuade com argumentação contundente, frequentemente evocando a memória. O narrador exerce funções comunicativa, modalizante, explicativa, testemunhal e avaliativa. Também se apresenta como um crítico contumaz, fazendo uso de humor e ironia, conferindo graça e leveza às crônicas que seduzem o narratário tanto pela proximidade (regionalismo) como pelo conhecimento erudito.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Reverbel – crônica – narrador – narrativa – *Folha da Tarde*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A CRÔNICA.....	9
2.1. EVOLUÇÃO CONCEITUAL DA CRÔNICA.....	9
2.2. CRÔNICA: UM GÊNERO FRONTEIRIÇO AO JORNALISMO E À LITERATURA.....	12
2.3. A CRÔNICA SOB O VIÉS JORNALÍSTICO: CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO.....	13
2.4. COLUNA: ESPAÇO GRÁFICO DA OPINIÃO E DA SUBJETIVIDADE.....	15
2.5. A MEDIAÇÃO DO COTIDIANO DA CIDADE E DA MEMÓRIA DE UM TERRITÓRIO.....	16
2.6. PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE O NARRADOR.....	17
2.7. A ANÁLISE DA NARRATIVA.....	19
3. BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE A TRAJETÓRIA DE CARLOS REVERBEL.....	22
3.1. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E INSERÇÃO NO <i>CORREIO DO POVO</i>	22
3.2. ATUAÇÃO NA <i>EDITORA GLOBO</i> , NA <i>REVISTA DO GLOBO</i> E NA <i>PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO</i>	26
3.3. BIOGRAFIA DE SIMÕES LOPES NETO E PARTICIPAÇÃO EM <i>ZERO HORA</i>	28
3.4. A <i>FOLHA DA TARDE</i> E A ATIVIDADE DE REVERBEL NO VESPERTINO.....	29
4. APLICAÇÃO DE ANÁLISE DE NARRATIVA NAS CRÔNICAS PERTENCENTES AO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA.....	35
4.1. CRITÉRIOS DE ANÁLISE.....	35
4.2. CRÔNICAS SELECIONADAS.....	36
4.2.1. <i>Rememranças</i>	36
4.2.2. <i>A cidade no verão</i>	41
4.2.3. <i>O gigolô do boi</i>	46
4.2.4. <i>Um inglês e o trem</i>	49
4.2.5. <i>Gente de Quaraí</i>	54
4.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXO A – Rememranças (05.01.1979).....	67
ANEXO B – A cidade no verão (08.01.1979).....	68
ANEXO C – O gigolô do boi (09.05.1979).....	69
ANEXO D – Um inglês e o trem (11.05.1979).....	70
ANEXO E – Gente de Quaraí (28.09.1979).....	71
ANEXO F – Capa do livro Saudações Aftosas (1980), de Carlos Reverbel.....	72
ANEXO G – Nota do autor sobre o livro Saudações Aftosas (1980).....	73

1. INTRODUÇÃO

Muitos foram os cronistas que ocuparam a página de opinião número 4 do jornal *Folha da Tarde*, contribuindo para a difusão de conhecimentos. Neste grupo, inclui-se o jornalista Carlos Reverbel, que teve longa trajetória profissional no grupo *Caldas Júnior*. Reverbel desfrutou de prestígio no espaço de coluna que assinava no vespertino e sintonizou-se à proposta do periódico, abordando as ocorrências do cotidiano local.

Ao conhecer a obra cronística desenvolvida por Carlos Reverbel no livro *Saudações Aftosas* (1980), uma compilação de crônicas publicadas no *Correio do Povo* e na *Folha da Tarde*, entre 1977 e 1979, deparei-me com uma narrativa que prontamente chamou-me a atenção. A fluência do texto e a simplicidade da narrativa despertaram-me o interesse em conhecer o narrador que tão sabiamente articula informações e que incita o leitor à reflexão, utilizando um tom despretensioso de conversa.

Os temas são da ordem do cotidiano e problematizados sob o olhar atento de alguém que não quer situar-se no lugar-comum, mas sim repercutir os acontecimentos do dia a dia e as notícias que permeiam as páginas dos periódicos com posicionamento crítico. Ao mesmo tempo em que mantém seus leitores informados sobre as ocorrências do âmbito da cidade e do Estado, Reverbel transita por outras temáticas e faz da sua produção cronística uma importante fonte de conhecimento sobre um recorte do tempo. Frequentemente evocando o passado, o jornalista revela episódios diversos do cotidiano rio-grandense, problematizando as notícias veiculadas pela imprensa e oferecendo, ainda, momento de descontração pelo prazer da leitura de seu texto. O desenvolvimento deste trabalho contribui para a ampliação do entendimento sobre a produção cronística de Carlos Reverbel, sobre a qual há ainda estudos incipientes principalmente no que se relaciona à sua atuação no periódico *Folha da Tarde*.

Esta monografia estuda, portanto, crônicas de Carlos Reverbel publicadas no jornal *Folha da Tarde*, em 1979. A questão problematizadora desta pesquisa é: quais são as figuras do narrador e do narratário presentes nas crônicas de Carlos Reverbel e que tipo de relação verifica-se entre ambos?

O objetivo geral é identificar as figuras do narrador e do narratário presentes nas crônicas que compõem o *corpus* de pesquisa, bem como a relação existente entre ambos, a partir da análise de estratégias narrativas majoritariamente utilizadas por

Reverbel. Os objetivos específicos são: compreender as características do gênero crônica e sua inserção no espaço jornalístico opinativo de coluna; contextualizar a trajetória profissional do jornalista Carlos Reverbel e compreender a sua participação no periódico *Folha da Tarde*; detectar as temáticas das crônicas; identificar as estratégias narrativas majoritariamente utilizadas na construção de seus textos; apreender as figuras do narrador e do narratário, bem como a relação existente entre ambos.

O *corpus* deste trabalho é constituído por cinco crônicas de Carlos Reverbel, publicadas no jornal *Folha da Tarde*, de janeiro a setembro de 1979. Estes textos também estão presentes no livro *Saudações Aftosas* (1980), coletânea de 40 crônicas publicadas pelo jornalista no *Correio do Povo* e na *Folha da Tarde*, entre 1977 e 1979.

Para alcançarmos esses objetivos, desenvolveremos pesquisa bibliográfica para a construção da base teórica desta pesquisa. No intuito de compreender as características do gênero crônica, foram realizadas leituras de Davi Arriguci Jr. (1987), Wellington Pereira (2004), Antônio Sanseverino (2002), Antônio Cândido (1992), Afrânio Coutinho (1965) e Jorge de Sá (1987). Juntamente a esses autores, José Marques de Melo (2003) oferecerá subsídio teórico sobre a crônica inserida na lógica do jornalismo opinativo, também contribuindo para a compreensão sobre o espaço de coluna, com Chaparro (1998), Piza (2004) e Golin (2009). De forma complementar, abordaremos Tedesco (2004) para brevemente evidenciar a função de mediação do cotidiano e da memória de um território pertencente ao gênero cronístico.

Posteriormente, explanaremos perspectiva teórica sobre o narrador, com o apoio de leitura de Walter Benjamin (1985), para em seguida discorrermos a respeito da metodologia de análise de narrativa, calcada no embasamento teórico de Yves Reuter (2011), com breve contribuição de Motta (2007) acerca do conceito narratológico.

Posteriormente, apresentaremos o sujeito histórico Carlos Reverbel, sua trajetória profissional, bem como o veículo no qual as crônicas que constituem o *corpus* de pesquisa originalmente foram publicadas. Para isso, recorreremos a Laitano e Reverbel (1993), Laitano (1992), Laitano e Bones (2006) e Galvani (1996).

Por último, no quarto capítulo, realizaremos análise de narrativa das cinco crônicas de Reverbel selecionadas para o *corpus* deste trabalho. A metodologia é desenvolvida com o aporte teórico de Yves Reuter (2011), no intuito de apreender as estratégias narrativas majoritariamente utilizadas pelo narrador no estabelecimento de sua relação com o narratário.

2. A CRÔNICA

Neste primeiro capítulo faremos breve exposição sobre a evolução conceitual da crônica, evidenciando-a como um gênero textual publicado no suporte jornal impresso, que se consolidou no século XIX. Posteriormente, adentraremos na consideração da crônica como um gênero híbrido da literatura e do jornalismo, explicitando a complexidade alcançada pela narrativa cronística enquanto gênero esteticamente independente. Sequencialmente, serão abordadas as características da crônica pela perspectiva jornalística, assim como o espaço de coluna, onde as crônicas constitutivas do *corpus* desta pesquisa estão inseridas. De forma complementar, enfatizaremos o vínculo do gênero para com a temporalidade, a memória e o cotidiano.

2.1. EVOLUÇÃO CONCEITUAL DA CRÔNICA

As conceituações referentes ao gênero crônica historicamente já sofreram alterações diversas. Entretanto, em todas as possibilidades de significação, a palavra crônica sempre esteve ligada à temporalidade. O termo advém do grego *chronos*, que significa tempo. Assim, configura-se como uma forma do tempo e da memória, representando temporalmente os acontecimentos pretéritos. Hoje em dia, esse gênero é atrelado ao relato ou ao comentário de fatos triviais, pertencentes ao tempo atual e presentes nos noticiários de jornais. A crônica submete-se, dessa forma, à novidade, ao consumo imediato e à fugacidade típica da vida moderna (ARRIGUCCI JR, 1987).

Originariamente, o gênero cronístico foi exercido como um breve relato de eventos em ordem cronológica, restringindo-se à mera anunciação, sem o desenvolvimento de uma interpretação sobre os fatos narrados e definidos histórico-socialmente no tempo. É com o primeiro sentido de relato histórico, que a crônica aproxima-se de historiadores do século XII, na França, Inglaterra e Espanha, congregando em alguns momentos o caráter de narração da história e, em outros, o de ficção literária (PEREIRA, 2004).

No século XIX verifica-se uma ampliação no conceito de crônica, que não mais reproduz as fórmulas constitutivas do ensaio clássico, como anteriormente. O cronista deste século começa a reestruturar o seu modo de escrita, passando a absorver ideais do mundo moderno, abandonando a fidelização a um tempo historicamente definido e

adentrando na abordagem das relações fragmentadas típicas da configuração moderna (PEREIRA, 2004).

No século referido há a consolidação do modo de produção industrial, dos centros urbanos, da mediação da mercadoria, da burocracia e do padrão burguês. Nesse contexto, o cronista explana nas páginas dos periódicos o período de transição e de transformações nos padrões de sociabilidade, assim como as novas formas comportamentais emergentes na época. Conforme Sanseverino (2002), o cronista simula uma situação de diálogo, incidindo na posição de um narrador sábio e que dá conselhos, gerando proximidade e cumplicidade para com o seu leitor. Para isso, os cronistas passam a explorar códigos literários para uma melhor compreensão acerca do modo de organização social pela burguesia, já que a literatura oferece meios de expressão mais eficazes e diversos do que o mero relato histórico.

A variação conceitual da crônica no século XIX se dá, também, a partir da veiculação dos textos cronísticos em um espaço determinado nos jornais: os rodapés. Como o próprio nome sugere, as publicações, que podiam ser de caráter literário ou não, concentravam-se ao pé da página e tinham de obedecer ao critério de periodicidade. O folhetim era uma denominação utilizada para designar qualquer seção do jornal, onde havia a publicação de textos de naturezas variadas, representando as distintas formas discursivas presentes nos rodapés dos periódicos.

Assim, já na primeira metade do século XIX, a capacidade opinativa, juntamente a um rebuscamento literário, faz com que a crônica assumira uma “[...] forma de expressão transitória entre a retórica e as manifestações literárias [...]” (PEREIRA, 2004, p. 27). É a partir desse período que se observa uma maior aproximação entre crônica e jornalismo. O jornal impresso é, pois, um espaço de publicação em que a crônica pode apresentar distintas formas linguísticas, adentrando no âmbito denotativo (com a reelaboração de notícias) ou conotativo (quando fica próxima da ficção).

O folhetim, localizado em espaço dos jornais voltado à abordagem de variedades, deu origem ao romance-folhetim, na Europa, com a exposição da vida urbana em uma estrutura de episódios, que não era um texto nem pertencente ao romance, nem ao conto (SANSEVERINO, 2002). Normalmente, textos que não se enquadravam nas regras do jornalismo do século XIX, acabavam sendo denominados de folhetim. A crônica paulatinamente foi adquirindo independência estética e passou a ser considerada um gênero separado do folhetim, que sempre apresentou um caráter indicial a formas narrativas mais delineadas conceitualmente, como o romance, por exemplo.

A crônica passa, assim, a abordar as notícias e as factuais que permeiam o jornal, mas, para além disso, reelabora enunciados com traços literários. Nesse sentido, as notícias do jornal fornecem as informações factuais e cotidianas, que são problematizadas pelo cronista normalmente sob um ponto de vista insólito.

A crônica traz em si uma forma pedagógica, em que o cronista volta-se às vivências imediatas da cidade, para aquilo que escapa às notícias veiculadas pelo jornal. Ou destaca uma percepção inusitada de um fato noticiado, ou percebe um gesto mínimo na rua, no bonde, na casa de alguém, que exprime o modo de as pessoas se apropriarem dos objetos. A crônica, como fato cultural, dialoga com a condição histórica de sua produção (SANSEVERINO, 2002, p. 37).

Para Cândido (1992), a crônica se consolidou como gênero típico do Brasil na década de 1930, quando se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga (que se concentrou na prática cronística). O tom de comentário expositivo e argumentativo cede lugar a uma narrativa com ares de “conversa fiada” e a crônica deixa de lado a seriedade no tratamento conferido a muitos temas. Por conseguinte, a utilização de uma linguagem coloquial permite ao narrador aproximar-se de seu narratário e romper com a monumentalidade e ênfase presentes frequentemente em textos com linguagem rebuscada.

A crônica, dessa forma, deve empregar a linguagem da atualidade, já que essa prática reflete o espírito de uma época, considerando-se que a língua é uma viva expressão da sociedade no tempo. De forma convergente, o estilo do cronista deve incidir às formas simples de comunicação, preferencialmente em tom de conversa, já que, com isso, consegue-se estreitar o ato comunicativo para com o leitor. Pelo fato de a crônica ser detentora de independência, o cronista pode agir com liberdade e desembaraço, já que o individualismo de seu personalismo e opinião é uma marca importante pela qual esse gênero é conhecido (COUTINHO, 1965).

Conforme Cândido (1992), a crônica auxilia no estabelecimento ou restabelecimento da dimensão das coisas e das pessoas. Esse gênero utiliza-se dos fatos triviais e mostra neles beleza e singularidade. “Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma” (CÂNDIDO, 1992, p. 15).

Em convergência a isso, Jorge de Sá (1987) enfatiza que o cronista não se atém ao “simples registro formal” dos acontecimentos, mas faz comentários, que tanto podem ser de conhecimento público, como pertencentes somente ao imaginário do cronista, “tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real” (SÁ, 1987, p. 9).

2.2. CRÔNICA: UM GÊNERO FRONTEIRIÇO AO JORNALISMO E À LITERATURA

Ao rememorar algumas das alterações conceituais pelas quais a crônica passou ao longo do tempo, percebe-se que ela é um gênero textual independente e, dessa forma, circunscrevê-la unicamente ao âmbito jornalístico ou literário equivale a ignorar as peculiaridades existentes neste tipo de narrativa, principalmente no que concerne à crônica brasileira. Coutinho (1965) enfatiza que a crônica é um dos gêneros que mais foram abasileirados, no que se relaciona ao estilo, à língua, às temáticas abordadas e à técnica. As crônicas sempre foram uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, desenvolvidas por jornalistas, escritores e híbridos de ambos.

A crônica brasileira apresenta características peculiares, sendo, portanto, detentora de autonomia narrativa. Sobre ela, pode-se dizer que “pelo desenvolvimento, categoria artística e popularidade é hoje uma forma literária de requintado valor estético, um gênero específico e autônomo [...]” (COUTINHO, 1965, p. 122). A narrativa cronística detém, portanto, mais liberdade estética e maiores possibilidades conotativas, não configurando-se mais como uma organizadora de eventos temporais, como outrora, e sim como uma forma de recriação dos relatos do cotidiano.

Entre os estudiosos, alguns categorizam a crônica como gênero jornalístico ou literário. Contudo, outros enfatizam a mescla de ambos os gêneros. Conforme expõe Pereira (2004), esse gênero ultrapassa o universo do jornal, recriando o tempo da linguagem jornalística e buscando significações entre as áreas do jornalismo impresso. A crônica também suplanta a restrição aos gêneros literários e mantém-se na fronteira, como um canal de comunicação (RONCARI *apud* PEREIRA, 2004). São frequentes as comparações da crônica para com outros “gêneros maiores” da literatura. Sobre esta consideração, Antônio Cândido (1992) diz que a crônica efetivamente é um gênero menor da literatura e que isso não é nenhum demérito, já que isto a torna mais próxima dos leitores.

Evidenciando o caráter híbrido do gênero, Sanseverino (2002) afirma que a crônica mistura elementos do jornalismo e da literatura. No espaço jornalístico, a abordagem do cronista tem o acontecimento efêmero como ponto de partida, mas ocorrências pontuais e momentâneas só sustentam a crônica quando acompanhadas de reflexão ou de lirismo. Com isso, entende-se que o cronista não deve ater-se ao evento transitório para não limitar-se às circunstâncias.

Por isso, é possível afirmar que “no âmbito do jornal, a abordagem do cronista vai do acontecimento particular aos temas permanentes” (SANSEVERINO, 2002, p. 36). Os acontecimentos imediatos são percebidos com significação por diversas formas de comunicação do narrador, seja pelo humor, pelo comentário e por expressões individuais do cronista, que consegue articular e orientar os leitores.

Coutinho (1968) enfatiza que a crônica é um gênero jornalístico, não adentrando categoricamente no âmbito literário por não assumir um método de formulação textual definido. Arrigucci Jr. (1987), todavia, pondera que a crônica é um gênero de literatura ligado ao jornal e afirma ainda que

à primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 53).

De acordo com Roncari (*apud* PEREIRA, 2004), o narrador-cronista tem a função de revelar ao leitor o que sempre esteve a sua frente. O cronista moderno é um problematizador do fluxo de informações que perpassa o espaço jornalístico e cria um novo tempo narrativo nos jornais, agregando sentidos que enriquecem e complexificam a linguagem referencial do jornalismo informativo.

2.3. A CRÔNICA SOB O VIÉS JORNALÍSTICO: CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

Pela perspectiva jornalística, a crônica pode ser classificada como um gênero pertencente ao jornalismo opinativo e tipicamente brasileiro, já que, no país, apresenta

características ímpares. Essa categorização advém de critérios estabelecidos segundo as relações de autoria, angulação e tempo que se apresentam na construção textual opinativa. Diferentemente de outros países, onde a semântica da crônica ainda é atrelada ao relato histórico, no Brasil a narrativa cronística tem a “feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (MELO, 2003, p. 149). O gênero cronístico permite que o autor tenha liberdade para manipular as formas expressivas da tradição, utilizando-se da mescla de discursos que vão desde o prosaico até o erudito, com o objetivo de abordar temas da atualidade e de efetivamente estreitar o processo comunicacional com o leitor (SANSEVERINO, 2002).

Como peculiaridade, a narrativa cronística ultrapassa as técnicas de produção da informação e não se restringe às regras de opinar. Ela não se limita aos enunciados previamente determinados no jornal, configurando-se como um gênero que reelabora constantemente temas diversos e que suscita no leitor variados significados para além das factuais dos jornais (PEREIRA, 2004).

A crônica opera significados superiores ao grau de referencialidade imposto à linguagem dos jornais que ainda guarda o mesmo ranço impressionista do século XIX e a rigidez espaço/temporal empregada na definição de suas mensagens. (PEREIRA, 2004, p. 140).

Assim, os gêneros circunscritos no âmbito da opinião não obedecem, necessariamente, a todas as estratégias e mecanismos utilizados na linguagem jornalística, como a pauta e as fontes de informação, por exemplo. Melo (2003) afirma que a crônica moderna, sendo considerada um gênero jornalístico, apresenta como primeira característica fundamental a fidelidade ao cotidiano, vinculando-se tematicamente e analiticamente ao que está acontecendo no momento. Ao adentrar em assuntos da atualidade, surge a crítica social, normalmente feita de maneira dissimulada pelo cronista, que mantém o tom de despreocupação no tratamento conferido aos temas.

Para a identificação dos temas e dos tratamentos dados a eles pelo cronista, Luiz Beltrão (*apud* MELO, 2003) propõe uma classificação. A *crônica geral* trata de assuntos variados, ocupando espaço fixo no jornal. Já a *crônica local*, também conhecida como urbana ou da cidade, aborda a vida cotidiana, procurando captar as tendências da opinião pública de uma comunidade. Há, também, a *crônica especializada*, focalizada em um campo específico de atividade.

Em relação ao tratamento, há a *crônica analítica*, que é aquela em que os fatos são brevemente expostos e analisados objetivamente. Neste tipo, o cronista tende a ser mais racional e dirigir-se mais à inteligência do que à emoção. Na *crônica sentimental* os fatos são apresentados a partir de seus aspectos mais peculiares e pitorescos, comovendo e apelando à sensibilidade. Por último, a *crônica satírico-humorista* pretende criticar os fatos com a utilização de ironia. Há, nesse tipo de crônica, a intenção de entreter, contribuindo para que ela assuma uma “feição caricatural” (BELTRÃO *apud* MELO, 2003, p. 157).

2.4. COLUNA: ESPAÇO GRÁFICO DA OPINIÃO E DA SUBJETIVIDADE

No jornal impresso, a crônica pode ser publicada no espaço gráfico de coluna, que pertence ao jornalismo opinativo. Normalmente, seções fixas de jornais são chamadas de coluna no Brasil. Essa caracterização enseja à ambiguidade, já que a coluna configura-se como “espaço de entrecruzamento de várias formas de expressão noticiosa” (RABAÇA e BARBOSA *apud* MELO, 2003, p. 139), que abrange o comentário, a crônica e até mesmo a resenha.

A coluna é a “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar lado a lado, várias dessas formas. As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita a sua localização imediata pelos leitores” (RABAÇA e BARBOSA *apud* MELO, 2003, p. 139).

Dessa maneira, no jornalismo brasileiro, a coluna apresenta formatação gráfica e localização constantes, o que orienta o leitor e confere identidade visual ao periódico, contribuindo para a fidelização do público, que identifica a coluna como uma seção fixa. Além disso, o columnismo é marcado por hibridismo que assegura a complementação entre informação e análise, permitindo que o autor usufrua um espaço de maior liberdade para a expressão de seu estilo (CHAPARRO, 1998).

Uma característica importante sobre a coluna é a periodicidade, que propicia a abordagem de assuntos de ordem cotidiana, acompanhando, assim, o ritmo de muitos acontecimentos. Nesse sentido, o espaço fixo da coluna contribui para o desenvolvimento da crônica, já que esta é um gênero que comumente aborda os

acontecimentos prosaicos e do dia a dia dos indivíduos, permitindo que o cronista tenha a possibilidade de também acompanhar o ritmo das ocorrências.

O colunismo é marcado por agilidade e abrangência, frequentemente trazendo fatos e ideias em primeira mão e, portanto, contemplando, muitas vezes, o furo jornalístico. Dessa forma, a coluna abarca os bastidores que permeiam as notícias e expõe opiniões ainda não expressas. Segundo Fraser Bond (*apud* MELO, 2003, p. 140), o colunismo é originário da imprensa norte-americana, em meados do século XIX, quando os periódicos priorizam a função informativa em detrimento da doutrinação.

Além disso, o gênero insere-se em um tipo de jornalismo pessoal, intimamente atrelado à personalidade de quem escreve. A crônica inserida na coluna localiza-se, portanto, em um espaço adequado à sua função e às suas características, já que ela “é um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, coisas, seres” (COUTINHO, 1965, p. 123).

Frequentemente o poder persuasivo de uma coluna está atrelado à credibilidade do jornalista que a assina. Assim, o colunista goza de prestígio e autonomia, tornando-se um conquistador de leitores fieis (CHAPARRO, 1998).

A subjetividade e o personalismo são marcas importantes do gênero, já que o autor pode assumir um tom mais pessoal para elaborar colunas opinativas, explicitando suas reflexões e opiniões, de forma que a identificação do estilo do jornalista pode propiciar uma maior intimidade entre autor e leitor. O historiador Paul Johnson (*apud* PIZA, 2004, p.79) afirma que um bom colunista precisa ter sabedoria, adquirida pela vivência social, por viagens e pelos conhecimentos gerais, além de ser um leitor atento. Também é preciso ter o senso de notícias para abordar assuntos em voga e variar nas temáticas expostas. A linguagem nesse campo permite que recursos mais criativos e singularidades estéticas sejam explorados. O estilo autoral, a informação, a opinião e a coloquialidade fazem-se presentes em textos breves (GOLIN, 2009).

2.5. A MEDIAÇÃO DO COTIDIANO DA CIDADE E DA MEMÓRIA DE UM TERRITÓRIO

O cronista é um mediador do cotidiano da cidade, utilizando-se de experiências pessoais, compartilhadas e resgatadas pela memória. É possível ponderar, pois, que o cotidiano é um espaço da memória e matéria-prima do jornalismo para a construção do

mundo social apresentado ao leitor, advindo de um processo seletivo subjetivo do jornalista (TEDESCO, 2004).

Muitas vezes o cronista vale-se de acontecimentos pessoais e pertencentes ao âmbito da trivialidade para a composição temática de seus textos. Com isso, os fatos banais do dia a dia alcançam a força de uma ocorrência relevante e fazem com que o leitor se identifique com o que é exposto, pois vê na crônica, traços de suas próprias experiências (SANSEVERINO, 2002).

Conforme explicitou Arrigucci Jr. (1987, p. 51) em referência ao narrador-cronista, “lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido [...]”. Em convergência à função de recriação e estetização do real presente na narrativa cronística, Tedesco (2004) esclarece que a memória apresenta uma dimensão dinâmica, não somente como um processo de seleção de conteúdos, mas também de “reinterpretação sucessiva do passado” (p. 99).

2.6. PERSPECTIVA TEÓRICA SOBRE O NARRADOR

Após a exposição sobre a crônica, gênero ao qual pertencem os textos que serão analisados, abordaremos perspectiva teórica de Walter Benjamin para a compreensão sobre o que caracteriza um narrador, uma vez que o objetivo central deste trabalho é a identificação da figura do narrador presente nas crônicas de Carlos Reverbel constitutivas do *corpus* de pesquisa. A metodologia científica utilizada será a análise de narrativa. Discorreremos sobre alguns itens de narração a serem considerados para a aplicação metodológica posterior, utilizando o embasamento teórico exposto por Yves Reuter (2011).

É necessário pontuar que a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte fundamental à qual normalmente os narradores recorrem. As melhores narrativas escritas são aquelas que comumente aproximam-se mais das narrativas orais, perpassadas por narradores anônimos. Benjamin exemplifica a figura do narrador na personificação de dois representantes arcaicos: o camponês sedentário, que conhece as histórias e tradições locais; e o marinheiro comerciante, que conta os saberes adquiridos em suas viagens, conhecimentos advindos de longe, que tanto podem referir-se à distância espacial, de terras distantes, como do distanciamento temporal, presente na tradição. Esses dois estilos de vida ensejaram a duas famílias de narradores, que se

constituem apenas como tipos fundamentais. A interpenetração desses dois tipos arcaicos é necessária para a compreensão da extensão do reino narrativo, em todo o seu aspecto histórico (BENJAMIN, 1985).

Uma característica presente em narradores natos é o senso prático. A narrativa apresenta sempre uma dimensão utilitária, muitas vezes não exposta de maneira explícita. Por isso, o narrador é um indivíduo que dá conselhos, explorando provérbios, ensinamentos morais, normas de vida ou a sugestão prática. Para esse aconselhamento, o narrador carece de sabedoria. “[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio” (BENJAMIN, 1985, p. 221).

Para Benjamin, as pessoas que sabem narrar efetivamente são cada vez mais raras. Isso se deve à dificuldade de exercer o intercâmbio de experiências dentro do advento da modernidade. O processo de definhamento da narrativa ocorre primeiramente com o surgimento do romance no início do período moderno. As naturezas do romance e da tradição oral se distinguem fundamentalmente pelo fato de que o narrador utiliza as experiências para narrar, incorporando o que é narrado às experiências dos ouvintes. O romancista, contudo, segrega-se. O romance é calcado basicamente no indivíduo isolado que não recebe conselhos e nem aconselha. Surge, então, a informação, que se distancia tanto da narrativa, quanto do romance.

A difusão da informação é apontada como um fator contributivo à declinação da narrativa. Uma profusão de informações já chega com os fatos explicados, que exigem uma verificação imediata e plausível. Metade da arte narrativa está em evitar explicações, pondera Benjamin (1985). Assim, embora a descrição narrativa seja exata e minuciosa, o contexto psicológico e interpretativo fica ao encargo do leitor, que é livre para interpretar o episódio narrado como quiser. Por isso, sua amplitude em torno do fato alcança níveis maiores e distintos dos existentes na informação. A narrativa não se entrega, conservando a sua força e tradição.

A narrativa é, pois, uma forma artesanal de comunicação. Nesse sentido, o autor postula que o cronista é o narrador da história. O historiador necessita explicar de alguma forma os fatos com que lida, não podendo conformar-se em “representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através dos seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna” (BENJAMIN, 1985, p. 209).

2.7. A ANÁLISE DA NARRATIVA

A narrativa traduz os conhecimentos objetivos e subjetivos do mundo em relatos, havendo a possibilidade de que esses conhecimentos diversos sejam postos em relação uns com os outros, em uma ordem e perspectiva. A narratologia é, pois, a teoria utilizada para o estudo das relações humanas que geram significações por meio da construção da narração. Por isso, todos os discursos narrativos midiáticos são engendrados através de estratégias comunicativas, assim como por modos linguísticos e extralinguísticos que produzem determinados efeitos (MOTTA, 2007).

Para a apreensão da figura do narrador presente nas crônicas do jornalista Carlos Reverbel, haverá aplicação de análise de narrativa, metodologia científica típica de estudos literários. Este método permite a averiguação sobre os grandes níveis de organização narrativos, perpassando a ficção, a narração e a criação do texto. Este trabalho tem como objetivo principal a identificação da figura do narrador presente nas crônicas constitutivas do *corpus* desta pesquisa. Para tanto, discorreremos mais especificamente sobre alguns itens de análise referentes à narração.

De acordo com Yves Reuter (2011), um dos princípios fundamentais da narratologia é a diferenciação entre o que pertence ao universo do **texto** e do **não-texto**. É possível estudar um fato textual considerando-o como um **enunciado**, ou seja, um produto fechado e acabado. Porém, há possibilidade de analisá-lo, também, como uma **enunciação**, perscrutando as relações do texto com os atos de comunicação no qual está inserido. Assim, o enunciado adentra no âmbito do texto e a enunciação estabelece-se no não-texto.

Outra distinção relevante para a narratologia refere-se à **ficção** e ao **referente**. A ficção é pertencente ao universo textual, sendo a história explícita por meio das palavras e da organização da narrativa. É interessante ressaltar que a ficção não se relaciona com as noções de verdadeiro e falso ou real e imaginário. A ficção é um conceito teórico pertencente à análise interna da narrativa. Já o referente insere-se no não-texto, incidindo no mundo real, ou imaginário, e que remete às apreensões do mundo fora do âmbito da narrativa. A dissociação entre ficção e referente não é efetuada com facilidade, já que toda palavra ou história faz referência, de alguma forma, ao contexto em que os sujeitos encontram-se.

Na análise narratológica é preciso também diferenciar o **autor** do **narrador**. O autor é o ser humano que existe ou existiu em nosso universo, é quem escreve a história,

situado no não-texto. O narrador, contraposto a isso, existe somente no texto, sendo um enunciador interno, que conta a história. Dessa maneira, o narrador constitui-se pelo conjunto de signos linguísticos que delineiam uma forma a quem narra.

Do mesmo modo que é necessário distinguir o autor do narrador, é preciso não confundir o **leitor** e o **narratário**. O leitor é, assim, um ser humano que existe ou existiu em nosso universo, estabelecido no universo do não-texto. Já o narratário existe unicamente no espaço textual, podendo ser percebido pelas palavras presentes no relato. Ele é o indivíduo que escuta ou lê a história.

As histórias podem ser narradas ou contadas de formas distintas, podendo ser divididas em dois grandes **modos narrativos**. O primeiro é o modo do *contar*, chamado também de diegese, que ocorre quando a mediação do narrador não é oculta. O segundo modo é o do *mostrar*, denominado também de mimese, quando a narração não é tão evidente, havendo a ilusão de uma presença imediata no desenrolar da história, para que o leitor tenha a sensação de que a mesma acontece sem distanciamento, como se ele estivesse em um teatro ou em um cinema, por exemplo.

O narrador, portanto, conta e evoca um mundo, controlando e organizando a narrativa, que são as **funções do narrador**. Quando conta uma história, o narrador pode apresentar sete funções complementares e intercombináveis, preconiza Reuter (2011). A função *comunicativa* está presente, ainda que superficialmente, às demais funções, e instaura-se quando o narrador dirige-se ao narratário para agir sobre ele ou para com ele manter contato. A função *metanarrativa* refere-se ao comentário que o narrador faz acerca do texto, apontando para a estrutura interna do mesmo.

Outra possibilidade é a função *testemunhal*, que se concentra em declarações e fornece o grau de certeza ou de distância que o narrador apresenta em relação à história. Já a função *modalizante* centra-se na emoção, manifestando os sentimentos que a história e a narração suscitam no narrador. Verifica-se a função *avaliativa* quando o narrador manifesta um julgamento em relação à história que conta, às personagens ou ao relato presente na narrativa. Há, também, a função *explicativa*, quando ocorre a interrupção da história para que informações consideradas necessárias sejam dadas ao narratário. Por fim, a função *generalizante* ou *ideológica* apresenta a relação com o mundo do narrador. “Interrompendo assim o curso da história e situada nas passagens mais gerais, mais abstratas, mais didáticas, ela frequentemente toma a forma de máximas, passíveis de se tornarem autônomas, nas quais são propostos juízos [...]” (REUTER, 2011, p. 68).

Compreender quem fala e como fala é essencial na análise narrativa, já que assim pode-se compreender as relações existentes entre o narrador e a história contada. Genette (*apud* REUTER, 2011) distingue duas formas de narrar para identificação da **voz narrativa**: uma delas é quando o autor está ausente da história que conta, chamada de *heterodiegética*; a outra ocorre com o narrador participando da história como personagem, denominada de *homodiegética*.

Nesse sentido, outro item importante na análise narratológica é a **perspectiva narrativa**, já que o leitor percebe a história sob uma determinada visão ou consciência. “A perspectiva narrativa concerne à percepção do mundo romanesco mediante um sujeito perceptor: narrador ou ator. [...]” (LINTVELT *apud* REUTER, 2011, p. 73). Três grandes tipos de perspectiva são apontados por Pouillon e Todorov (*apud* REUTER, 2011). A visão onisciente do narrador, que sabe mais do que as personagens é chamada de narrativa *não focalizada*, segundo classificação de Genette.

A segunda forma de perspectiva possível é aquela que perpassa a visão de uma personagem (*focalização interna fixa*) ou várias (*focalização interna variável*). Nesses tipos, normalmente não é possível conhecer o que sabe a personagem. Como terceiro tipo de perspectiva narrativa, há a *focalização externa*, quando o leitor encontra um universo filtrado por alguma consciência e há uma impressão de narrativa objetiva. Com este tipo de focalização, a visão, os pensamentos e os sentimentos das personagens são desconhecidos pelo leitor, havendo a sensação de que se sabe menos do que elas.

Antes da aplicação da narratologia para análise das crônicas, é importante conhecer o sujeito histórico por trás do narrador Carlos Reverbel, assim como sua atuação profissional e o veículo comunicacional onde foram publicados os textos que compõem o *corpus* deste trabalho. No próximo capítulo apresentaremos o autor Carlos Reverbel para, em seguida, desenvolvermos o processo de apreensão do narrador, no quarto capítulo.

3. BREVE EXPOSIÇÃO SOBRE A TRAJETÓRIA DE CARLOS REVERBEL

Neste segundo capítulo, explicitaremos quem foi o jornalista Carlos Reverbel, discorrendo brevemente sobre sua atuação profissional. Serão explanadas as suas primeiras experiências no ofício, assim como o seu posterior ingresso no jornal *Correio do Povo*, veículo no qual trabalhou durante 46 anos. Também falaremos sobre seus trabalhos fora da *Caldas Júnior*, como quando se inseriu no gabinete da Secretaria de Educação e sobre sua vivência profissional na *Editora Globo*, na *Revista do Globo*, na *Revista Província de São Pedro* e, por último, no jornal *Zero Hora*.

Neste trabalho, analisaremos cinco crônicas selecionadas do livro *Saudações Aftosas*, especificamente publicadas na *Folha da Tarde*. O livro *Saudações Aftosas* (1980) é uma compilação de crônicas publicadas por Carlos Reverbel no *Correio do Povo* e na *Folha da Tarde*, compreendidas entre 1977 e 1979. A seguir, de forma mais aprofundada, forneceremos informações acerca do vespertino *Folha da Tarde*, periódico em que Reverbel trabalhou paralelamente à sua atuação no *Correio*. As crônicas pertencentes ao *corpus* desta pesquisa concentram-se na *Folha*, sendo, portanto, essencial aclarar a história e as características referentes a esse jornal.

3.1. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E INSERÇÃO NO *CORREIO DO POVO*

Nascido em Quaraí, Carlos de Macedo Reverbel (1912 – 1997) foi um jornalista relevante no cenário do jornalismo cultural do Rio Grande do Sul, tendo atuado em diversos veículos de comunicação e colaborado significativamente para a divulgação da cultura gaúcha por meio de sua peculiar narrativa. Como cronista, Reverbel forneceu um recorte do tempo com um singular modo de comunicação sobre o cotidiano. Para além da factualidade, seus textos apresentam informações históricas, de forma que a sua narrativa pode perpassar gerações e contribuir para a formação intelectual (LAITANO; REVERBEL, 1993).

Carlos Reverbel consegue estabelecer vínculo de proximidade para com o leitor, desenvolvendo um estilo simples, mas ao mesmo tempo refinado e culto no que concerne à linguagem (LAITANO, 1992). Suas narrativas congregam muito de oralidade e de compartilhamento de experiências, sempre em uma tentativa de ir para além do momentâneo.

As memórias do cronista estão presentes em *Arca de Blau – Memórias* (1993), um livro de Carlos Reverbel em depoimento à jornalista Cláudia Laitano. A obra é resultado de mais de 40 horas de entrevistas gravadas durante quatro meses, com revelações pessoais e importantes relatos sobre sua atividade jornalística. Laitano (2006) rememora que Reverbel manifestou, “meio a sério, meio de brincadeira”, que gostaria de escrever um livro de memórias. Em seguida, o projeto começou a ser desenvolvido e *Arca de Blau* esgotou-se com rapidez na Feira do Livro de 1993, ano em que o cronista foi patrono do evento. É importante ressaltar que grande parte das informações constantes neste capítulo são oriundas da referida produção, que muito contribui para os pesquisadores da obra do cronista.

Reverbel chegou a Porto Alegre em 1926 para estudar no colégio Anchieta. O jornalista afirma que nunca foi um estudante determinado e que passou por uma crise de autoestima, sem saber qual profissão seguiria. Em um momento de surgimento de dúvidas, um padre do colégio Anchieta aconselhou Carlos Reverbel à leitura para o aprimoramento de sua redação, pois acreditava que o jovem era talentoso para a composição de textos (LAITANO; REVERBEL, 1993).

A partir disso, passa a vislumbrar a possibilidade de utilizar seu talento como uma atividade profissional. Quando ainda era aluno do colégio Anchieta, na capital gaúcha, teve seus primeiros textos publicados no jornal *O Imparcial*, do município de São Gabriel, onde também estudou. O jovem Reverbel enviava as suas impressões da vida em Porto Alegre para o periódico, conforme consta nas memórias de Rivadávia de Souza (BONES, 2006).

Carlos Reverbel começou a atuar efetivamente como jornalista no jornal *A Pátria*, localizado em Florianópolis. O periódico era ainda incipiente na introdução de aparatos técnicos, tendo uma oficina precária, redação pequena e linha editorial partidária. Contudo, foi nesse veículo que teve a primeira experiência profissional no jornalismo e os ensinamentos iniciais sobre o ofício. Em *A Pátria*, o nariz de cera era combatido, assim como as adjetivações excessivas. Entretanto, Reverbel enfatiza que, apesar das recomendações, posteriormente apropriou-se do uso de adjetivos, algo que se tornou uma das marcas de seu trabalho.

Após adquirir um pouco de experiência profissional, Reverbel decide buscar emprego no jornal *Correio do Povo* (CP). O jornalista considerou-se privilegiado por ter trabalhado no periódico. Ele afirma que ao longo de 46 anos de trabalho no local, compreendidos entre 1934 e 1980, desfrutou de benemerências, como o fato de poder

sair e entrar no jornal quando quisesse, com a possibilidade de viajar a diversas localidades com a justificativa de que as experiências adquiridas nessas viagens seriam importantes para o próprio *Correio do Povo*.

A primeira cidade para a qual Reverbel viajou, afastando-se da redação do *CP*, foi o Rio de Janeiro, sede dos principais jornais da época. Lá, passou a atuar no *Diário de Notícias* (que não tinha ligação com o jornal homônimo do Rio Grande do Sul). O jornalista acompanhou a deflagração do Estado Novo, ocorrida em novembro de 1937 e todas as implicações do golpe. A ocupação da Central do Brasil, a dissolução do Congresso e a censura aos veículos de comunicação também foram alguns dos acontecimentos observados pelo jornalista. No *Diário de Notícias*, Reverbel atuou em uma página dedicada totalmente às notícias de outros estados brasileiros. Lá, conheceu muitas importantes personalidades, como Mário de Andrade, Rubem Braga, Samuel Wainer e Carlos Lacerda. No final de 1938, retorna a Porto Alegre.

Profissionalmente, não havia dúvidas de que o Rio abria muito mais possibilidades. Enfim, tudo pareceria perfeito, se não estivesse óbvio – como para um Mário de Andrade longe de sua Paulicéia – que eu nunca me adaptaria à rotina carioca. O Rio Grande, por misteriosas razões, me fazia falta (LAITANO; REBERBEL, 1993, p. 84).

Apesar das temporárias separações da redação da *Caldas Júnior*, Reverbel mantinha um vínculo com a empresa, atuando, inclusive, como correspondente. Quando a guerra findou, em 1945, Reverbel já estava casado com sua esposa Olga e sonhavam fazer uma viagem à França. Com isso, o jornalista não teve dificuldades em convencer Breno Caldas a criar o primeiro cargo de correspondente internacional do *Correio do Povo*.

É importante destacar, também, a atuação que o jornalista teve na Secretaria de Educação em Porto Alegre, especificamente no setor do Gabinete do Secretário Coelho de Souza, que exerceu a função de 1938 a 1942. Reverbel havia conhecido o secretário no *CP*, em conversas em que falava sobre o Partido Libertador, pelo qual Coelho de Souza posteriormente seria eleito deputado federal. Paralelamente ao seu trabalho no gabinete, continuou vinculado como repórter do *Correio*, atuando também na *Folha da Tarde* e fazendo colaborações eventuais na *Revista do Globo*. Pensando em uma complementação de renda, Reverbel aceitou trabalhar no *Jornal do Estado*, com a função de acompanhar o governador e fazer a cobertura de eventos oficiais importantes.

Ainda sobre o *CP*, Carlos Reverbel (1993) rememora que o periódico era considerado “a casa de *Caldas Júnior*”, enfatizando que, atualmente, é pouco comum este tipo de referência à administração patriarcal de uma determinada empresa. O jornalista pontua que o culto à tradição e aos costumes era uma marca do periódico. As mudanças que ocorriam no jornal sempre passavam pelo crivo de Breno Caldas e ocorriam de maneira sutil e gradativa, no intuito de não chocar o leitor.

Sempre ligado à cultura, Reverbel tinha liberdade de atuação no jornal, nas duas páginas literárias que organizava e editava. Assim, o jornalista escolhia os temas e autores que iriam compor a parte de sua incumbência.

Além disso, eu ainda diagramava, mantinha os contatos e providenciava o pagamento dos colaboradores. Durante cerca de dez anos, entre os anos 50 e 60, tratei de acomodar naquelas duas páginas sabatinas o máximo possível de texto. Para aproveitar bem o espaço, eu mandava compor as matérias no menor corpo à disposição na oficina. O aspecto final não era muito bonito, a leitura era difícil, mas se o assunto era bom e o autor era importante eu não resistia à tentação de encaixá-lo nas páginas do jeito que desse. Quando as matérias eram muito extensas, eu recorria ao expediente de colocar continuções nas páginas finais do jornal, no tempo em que isso ainda podia ser feito (LAITANO; REVERBEL, 1993, p. 153).

Para Reverbel este era um trabalho fascinante, uma vez que nada neste estilo estava sendo realizado na época por outros jornais de Porto Alegre. O jornalista enfatiza que nunca teve pretensões de assumir função de chefia no âmbito jornalístico, já que gostava das ruas da cidade, de viagens e de extrair o máximo de prazer possível de seu trabalho, o que poderia ser comprometido com um cargo desse tipo.

Reverbel (1993) muitas vezes fazia provocações aos autores das páginas literárias que editava, estimulando, com isso, excelentes resultados em publicações desses literatos. Posteriormente, Mário Quintana passou a fazer parte regularmente das páginas literárias do *CP*. O jornalista afirma que os critérios de seleção dos textos eram mais ou menos os mesmos utilizados na *Província de São Pedro*. Havia ênfase aos assuntos pertinentes à cultura rio-grandense, mas congregando, também, a participação de intelectuais de fora do Rio Grande do Sul.

Como organizador das duas páginas literárias do *Correio do Povo*, eu não tinha compromisso de escrever todas as semanas. Mesmo assim, costumava assinar com certa frequência artigos informativos, principalmente sobre assuntos ligados à bibliografia rio-grandense. (Nunca fui crítico literário ou coisa parecida, deixo bem claro. Minha ligação profissional com a literatura sempre foi através da pesquisa bibliográfica) (LAITANO; REVERBEL, 1993, p. 158).

Entre 1964 e 1966, Carlos Reverbel reuniu todos os textos que produzia esparsamente em uma coluna fixa, denominada Bibliografia Rio-Grandense. No total, foram publicados 66 artigos com assuntos variados. Além disso, atuou, também, como editorialista na *Folha da Tarde*, correspondente estrangeiro em eventuais viagens, cronista e repórter. Posteriormente, quando as duas páginas literárias do *CP* são substituídas pelo *Caderno de Sábado*, de P.F. Gastal, em 1967, Reverbel procurou novos desafios, variando sua atividade jornalística. Com isso, passou a colaborar, com certa frequência, com o suplemento rural do *Correio do Povo*, publicação considerada de boa qualidade pelo jornalista, sempre com abordagens minuciosas e contextualizadas. Reverbel desenvolveu reportagens sobre assuntos rurais na época em que cobria as atividades da Secretaria da Agricultura.

O suplemento rural do *CP* era publicado às sextas-feiras, contando com um corpo de colaboradores altamente qualificado e especializado para os assuntos abordados. Além disso, a qualidade gráfica chamava a atenção, com páginas “mais bonitas e ousadas do que o resto do *Correio*”. O tratamento jornalístico dado às matérias também era considerado superior em relação ao restante do jornal. “Ao lado do *Caderno de Sábado*, o suplemento rural é uma das preciosidades que repousa na coleção do velho *Correio*” (LAITANO; BONES, 2006, p. 779).

3.2. ATUAÇÃO NA EDITORA GLOBO, NA *REVISTA DO GLOBO* E NA *PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO*

É relevante lembrar, também, a participação de Reverbel na *Editora Globo* e na *Revista do Globo*. Em 1883 é fundada a Livraria do Globo na rua da Praia, em Porto Alegre, por Laudelino Pinheiro Barcellos. Posteriormente, em 1929, circula o primeiro número da *Revista do Globo*, que prosseguiu até 1967. A *Editora Globo* seria criada somente na década de 1930 e acabou colocando em plano secundário os chamados “tempos heroicos” da Livraria do Globo, que iniciou modestamente, dedicada a trabalhos gráficos e ao comércio de livros, mantendo-se até os anos 1920 dessa forma, quando, depois, passou a ocorrer a publicação de obras de autores rio-grandenses. (BONES e LAITANO, 2006).

Reverbel (1993) afirma que trabalhou no período de maior “esplendor intelectual” da Editora, criada por Henrique Bertaso e Erico Veríssimo. “A extinta Editora Globo de Porto Alegre foi a principal instituição cultural rio-grandense durante meio século” (LAITANO; REVERBEL, 1993, p. 103). Reverbel exercia funções executivas, de distribuição de publicidade e tratativas com autores e tradutores, tendo atuado como secretário da editora no final dos anos 1940. O jornalista também foi representante da Globo em Paris, junto aos escritores franceses traduzidos pela editora.

Na *Revista do Globo*, Carlos Reverbel era uma espécie de correspondente informal, para onde enviava eventualmente matérias de cunho literário. É importante destacar que quando o jornalista Justino Martins assumiu a Revista, por volta de 1939, Rebervel passou a colaborar regularmente na mesma, com a realização de reportagens. O jornalista afirma que esse foi um período rico profissionalmente, já que ele e Justino tinham quase a mesma idade e opiniões comuns sobre o tipo de jornalismo que almejavam realizar.

Carlos Reverbel (1993) também rememora a sua estreita ligação, em determinado período, com a revista *Província de São Pedro*. Moysés Vellinho teve a idéia de criar no Rio Grande do Sul uma revista literária de alto nível, sendo apoiado por Henrique Bertaso. “O objetivo não declarado da revista era projetar para o país a imagem cultural da editora. Os trabalhos publicados seriam principalmente de autores que faziam parte dos quadros da Editora Globo [...]” (LAITANO e REVERBEL, 1993, p. 115), explica o jornalista sobre o atrelamento entre a editora e a recém-criada revista.

Os artigos publicados na *Província de São Pedro* estavam majoritariamente voltados para aspectos da cultura rio-grandense, sem cair no regionalismo e mantendo o caráter nacional da revista. Entre 1945 e 1957, a revista rodou 21 números, com tiragem que não ultrapassava os três mil exemplares. Reverbel atuou como secretário de redação (números 2 ao 12), explicitando seu grande apreço pelo editor Moysés Vellinho, que dirigiu a revista durante todos os seus 21 números. Ele pondera que um dos motivos pelos quais jamais se arrependeria de ter escolhido o jornalismo é por ter trabalhado ao lado de Moysés Vellinho. O jornalista enfatiza que o editor tinha “extremo rigor em relação aos seus trabalhos, traçados num estilo que se equipara aos melhores da língua” (LAITANO e REVERBEL, 1993, p. 115), também enaltecendo que exigia honestidade intelectual de seus colaboradores.

3.3. BIOGRAFIA DE SIMÕES LOPES NETO E PARTICIPAÇÃO EM *ZERO HORA*

A *Editora Globo* é reconhecida até hoje por sua importante iniciativa de lançar a Coleção Província, que reuniu clássicos da bibliografia rio-grandense. O escolhido para inaugurar a coleção foi Simões Lopes Neto, escritor que já começava a receber valorização em relação à sua obra.

A referida editora tinha a intenção de realizar um grande lançamento da primeira edição crítica de *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*, do referido escritor. Com isso, foi estabelecido que houvesse o desenvolvimento de uma reportagem acerca da vida do autor, que faria parte do material de promoção do livro. Para contar parte da história de uns dos maiores escritores e contistas do Estado gaúcho, Reverbel embarca em uma viagem a Pelotas, em 1945, com o intuito de resgatar parte da história pessoal e profissional de Simões Lopes Neto (BONES, LAITANO, 2006).

Eu havia lido os *Contos Gauchescos* quando ainda estudava no Anchieta, levado pela saudade dos cenários e do tipo de personagens evocados pelos causos de Blau Nunes. Simões Lopes Neto já era naquela época o regionalista rio-grandense mais popular entre os que se interessavam por esse tipo de gênero literário. Contrariamente ao que acontecia com Alcides Maya, lido apenas por uma elite capaz de ultrapassar a barreira verbal da sua ficção, os *Contos Gauchescos* eram deletreados até mesmo por gente simples da campanha, pouco chegada aos livros. E temos aqui interessante fenômeno estilístico. Se é bem verdade que Alcides Maya sofreu influência de Coelho Neto, sobrecarregando sua prosa de vocábulos raros e abstrusos, Simões Lopes também a sofreu, mas conseguiu evitar que ela incidisse sobre os seus contos, deixando-a transparecer em produções de outra natureza: discursos, conferências, artigos de jornal” (LAITANO; REVERBEL, 1993, p. 120).

Portanto, Reverbel narra todo o percurso de apuração de informações e fontes consultadas para desenvolver a reportagem a respeito de Simões Lopes Neto. Posteriormente, o jornalista publica artigos e reportagens diversos sobre o escritor, aproximando-se progressivamente de sua obra.

Flávio Loureiro Chaves (2006) enfatiza que o resgate biográfico simoniano modificou a maneira de ler o regionalismo no Brasil. Com a reconstrução da vida de Simões Lopes Neto percebe-se o domínio que Reverbel tinha acerca da história, da sociologia e de outras formas de conhecimento, o que faz com que a obra adquira nuances diversas que extrapolam a pura biografia (CHAVES *in* BONES, LAITANO, 2006).

[...] ele captou o sentido profundo do movimento dialético que recuperava o passado para interpretá-lo sob uma nova perspectiva, aliás, só possível após o primeiro modernismo impulsionado a partir de São Paulo nos anos 20. No caudal da renovação, marca identitária de sua geração, ele releu Simões Lopes Neto (CHAVES in LAITANO e REVERBEL, 2006, p. 17).

É preciso rememorar, também, a atuação de Carlos Reverbel como cronista da *Zero Hora*, função que desenvolveu de 1987 a 1997, com uma coluna semanal, às quintas-feiras. O jornalista enfatizou que essa atividade era “o fio que ainda o ligava ao meio onde havia passado a maior parte de sua vida.” As características das redações atuais diferem-se significativamente do ambiente dos jornais de antigamente, mas mesmo assim, Reverbel destacou que “é uma maneira de dar um sinal de vida, de dizer certas coisas com a liberdade que só as pessoas com mais de 80 anos desfrutam” (BONES, LAITANO, 2006).

Por seu talento com as palavras e com a pesquisa bibliográfica, o cronista teve os seguintes livros publicados: *Barco de Papel* (1978) e *Saudações Aftosas* (1980), coletâneas de crônicas publicadas no *Correio do Povo* e na *Folha da Tarde*; *Um Capitão da Guarda Nacional* (1981), produção biográfica de Simões Lopes Neto; *Diário de Cecília Assis Brasil* (1984); *Pedras Altas* (1984); *Maragatos e Pica-paus* (1985); *O Gaúcho* (1986); *Assis Brasil* (1990); *Arca de Blau* (1993) e *Outros Aspectos da Imprensa do RS* (1996).

3.4. A FOLHA DA TARDE E A ATIVIDADE DE REVERBEL NO VESPERTINO

Anteriormente à revolução do rádio e ao aparecimento da televisão, havia jornais que circulavam pela manhã e pela tarde, responsáveis por preencher as lacunas de notícias que surgiam no ínterim de uma edição e outra dos periódicos. Em 1936, Breno Caldas concluiu que a Caldas Júnior precisava investir em um jornal vespertino. Entretanto, houve o cuidado de não fazer um atrelamento direto entre o *Correio do Povo* e a nova publicação, evitando que um possível fracasso da mesma comprometesse a credibilidade do tradicional *Correio*, que tinha o formato *standard* e uma tiragem de 35 mil exemplares diários na época. “A idéia era bolar uma publicação para ocupar os espaços em que o *Correio* não atuava, dando ênfase para notícias de caráter popular [...]” (LAITANO e REVERBEL, 1993, p. 99).

Assim, formou-se a *Folha da Tarde*, que congregava a criatividade e a ousadia que eram desestimuladas no *CP*. O novo periódico contava com um corpo de repórteres

mais jovem do que no tradicional *Correio* (Reverbel estava inserido nas equipes dos dois jornais).

O vespertino começou a circular no dia 27 de abril de 1936 e teve grandes inovações, destacando-o das demais publicações jornalísticas da época. Alcides Gonzaga, colega de Breno Caldas, entusiasmado com os tabloides de Buenos Aires, falou das novidades que permeavam a imprensa argentina após viagem que havia realizado ao país estrangeiro, apresentando ao diretor do *CP*, o jornal *Crítica*, que apresentava o molde inovador. A ideia de um jornal vespertino em tamanho menor que o habitual agradou o jovem Breno, que lembrou também dos periódicos veiculados à tarde em Londres.

O vespertino apostou na novidade do formato tabloide, já que todos os jornais eram editados em formato *standard*, e alcançou prestígio e relevância na história do jornalismo de Porto Alegre. Inicialmente, tabloide era relacionado a algo “superficial, irreverente e até irresponsável”, gerando dúvidas e questionamentos acerca da credibilidade do periódico (GALVANI, 1996, p. 16). Porém, passados a surpresa e o espanto iniciais, o formato teve ampla aceitação do público e tornou-se marca registrada, participante do sucesso do novo jornal. Tanto é que concorrentes, como o *Diário Popular*, de Pelotas, *A Razão*, de Santa Maria, *Zero Hora* e outros veículos aderiram ao novo formato no Rio Grande do Sul, hoje diretamente atrelado ao estado gaúcho. O formato tabloide conferia praticidade ao manuseio e teve uma boa aceitação por parte dos leitores.

Após especulações acerca de alguns nomes, foram definidos Viana Moog e Jordão Gatti respectivamente como diretor e gerente do vespertino. A primeira edição da *Folha* circulou com grande atraso, mas, posteriormente, a situação normalizou-se e, em seus anos de ouro, o periódico circulou regularmente em torno das 15 ou 16 horas.

Vianna Moog não permaneceu muito tempo no cargo de direção, sendo afastado após sete meses de trabalho, apesar de já ter despontado como um importante membro da literatura rio-grandense e ser detentor de grande prestígio. O fato ocorreu após crítica endereçada a Oswaldo Aranha, amigo pessoal do diretor da Caldas Júnior e apontado como o nome mais provável para suceder Getúlio Vargas. Antes disso, porém, Vianna Moog ainda teve tempo de aprovar o apoio à atividade literária no jornal. Carlos Reverbel aproximou-se deste eixo, do qual não mais se afastaria, e acabou por ser, posteriormente, um dos principais editores das páginas literárias, conforme explicitado anteriormente.

Walter Galvani (1996) rememora, inclusive, reportagem de página inteira de Reverbel, com uma enquete realizada com os livreiros da cidade, para que respondessem “Quais os romancistas novos do Brasil mais lidos em Porto Alegre?”, algo que ficou marcado na memória do escritor. A *Folha* dedicava amplo espaço à atividade cultural em geral, dispondo aos leitores a cobertura do *show-business*, do lazer e das artes.

O segundo diretor a assumir o cargo na *Folha da Tarde* foi o jornalista Arlindo Pasqualini, que exercia funções de redator do *Correio do Povo*, e que permaneceu na função até o seu falecimento, em 1964. A *Folha* foi, assim, consolidando o seu sucesso, resultado da postura editorial de defesa dos interesses populares. A editoria de polícia, com o chamado “pai da reportagem policial”, Sady Rafael Saadi, e a de esporte, eram pontos fortes da cobertura jornalística da *Folha da Tarde*, assim como as reportagens que eram uma marca da publicação.

Esse periódico proporcionou mais visibilidade e espaço aos esportes de cunho amador, não circunscrevendo sua cobertura unicamente ao futebol. Túlio de Rose, grande nome do jornalismo esportivo gaúcho, foi o responsável pelo desenvolvimento da ideia. A aproximação com o público e o sucesso da publicação foram consequências dessas inovações e do tom mais popular presente no jornal. Em pouco tempo a *Folha da Tarde* alcançou popularidade e a Caldas Júnior passou a fazer questão de vincular seu nome ao vespertino. O esporte era tão forte atração que ensejou ao que Walter Galvani (1996) denominou de embrião da futura “Edição de Esportes da Folha da Tarde”, semanal a partir de 12 maio de 1947, gerando posteriormente a *Folha da Tarde Esportiva* diária a partir de 15 de setembro de 1949 e culminando na *Folha da Manhã*, que circulou de 12 de novembro de 1969 até 22 de março de 1980, “quando as duas ‘folhas’ se fundiram para a última tentativa de sobrevivência, até 14 de junho de 1984” (GALVANI, 1996, p. 64).

Todas estas operações práticas eram o resultado do processo de conquista de mercado. Desdobrar o jornal em duas folhas, e pela sua força, cobrir o esporte e ocupar os dois horários, da tarde e da manhã, já que o *Correio do Povo* se definia como um “jornal de assinantes” (GALVANI, 1996, p. 25).

Ainda no segundo ano de circulação, a *Folha* anunciou aos seus leitores que em todas as segundas-feiras haveria a circulação de duas edições: uma às 11 horas e outra às 16 horas. A primeira edição contou com amplo noticiário e serviço fotográfico, além de uma seção esportiva, com os detalhes dos jogos de domingo. A segunda edição

centrou-se nas seções habituais presentes na *Folha da Tarde* e nas últimas informações da cidade, do país e do mundo.

Também é importante destacar que o vespertino investia na atividade promocional, algo que inclusive gerou o primeiro “Grande Prêmio Folha da Tarde”, advindo do automobilismo em voga na época. Com isso, nos anos 1950 e 1960 o jornal formou um Departamento de Promoções, que acabou por influenciar diretamente na redação. A vitória do paulista Nascimento Júnior em uma prova automobilística fez com que o jornal utilizasse pela primeira vez o tipo de capa que perduraria até o fim do vespertino. A capa imitava o nova-iorquino *Daily News* e outros tabloides dos Estados Unidos e da Inglaterra, estruturados em manchete, um subtítulo explicativo e uma única grande foto com legenda. Em 1937, o jornal inovou tecnicamente com a utilização do teletipo e consolidou as características que delineariam seu sucesso (GALVANI, 1996).

A *Folha da Tarde* paulatinamente foi apresentando crescimento e diversificação nas atividades da redação, sendo reconhecida pelos cronistas que participavam da publicação. Alguns deles enviavam suas produções do Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires ou Brasília, como Henrique Pongetti, Fernando Sabino, Pitigrilli e Carlos Drummond de Andrade. Outros residiam no estado, como Rivadávia de Souza e Paulo de Gouvêa. Também atuaram na página 4 do jornal *Folha da Tarde*, chamada de “morada dos grandes”, os cronistas Carlos Reverbel e Rubem Braga. Walter Galvani enfatiza, ainda, a participação de muitos outros, como Paulo e Sérgio Gouvea, Canabarro Tróis, Sérgio Jockymann, Ivete Brandalise, Danilo Ucha, Kenny Braga, José Onofre e o popularíssimo Jotabê, pseudônimo de João Bergmann (GALVANI, 1996).

Na referida página 4, o cronista Carlos Reverbel ocupava espaço de destaque em uma coluna localizada ao lado do editorial, na parte superior da página com crônicas do cotidiano publicadas nas segundas, quartas e sextas-feiras. Galvani (1996) destaca a participação de Carlos Reverbel no vespertino, enaltecendo-o como “um nome de primeiríssimo time”, que “significou ao longo da história o casamento da *Folha* com a cultura” (p. 102). Ele afirma que Reverbel sentiu-se magoado por ter sido preterido por um secretário de redação de breve passagem, Fernando Pinto, nos anos finais de sua permanência no vespertino. Isso foi motivo de lamentação para Galvani, que, em 1981, foi convidado a atuar como diretor do jornal e que gostaria de contar com o cronista no periódico novamente, o que não se concretizou. Em referência a Reverbel, Galvani (1996) afirmou: “Ele era uma espécie de talismã do jornal e o então jovem Breno Caldas sabia muito bem disso” (p. 104). O elo com a área cultural era importante modo

de qualificação da *Folha* como um jornal representativo da cidade e que o dissociava da ideia de sensacionalismo atribuída tipicamente a tabloides.

Por isso, o periódico investiu significativamente na cobertura cultural e um dos exemplos disso é a sessão de noticiário sobre edições e lançamentos literários *Feira do Livro*, que esteve presente na publicação no princípio dos anos 1950. Além disso, de 1961 até o fim do jornal, havia uma página inteira que apresentava a atividade cultural de Porto Alegre, congregando informações sobre teatro, literatura e artes plásticas, havendo, ainda, página independente dedicada ao cinema e à sessão musical. Nos anos 1960, houve a criação da chamada Equipe das Terças, formada por jornalistas que iam até os principais cinemas da cidade para conferir os lançamentos e apresentar resenha completa dos filmes. As peças teatrais também recebiam atenção especial, sempre contando com críticas publicadas após a ida ao espetáculo.

O objetivo era Jornalismo, com J maiúsculo. A população precisava ser informada tanto de um acidente, quanto de um crime, de um jogo de futebol ou de uma peça teatral ou de um filme, mas na edição imediata (GALVANI, 1996, 105).

Com o passar do tempo, o vespertino foi cativando progressivamente os leitores e alcançou surpreendentes tiragens. Isso se deve principalmente às vendas avulsas do jornal, já que a *Folha* nunca teve um número elevado de assinantes. Os leitores iam até as bancas ou compravam o exemplar de jornaleiros que anunciavam: “Olha a Folha!”.

Walter Galvani (1996, p. 23) enfatiza, assim, que “Porto Alegre se enxergava na *Folha da Tarde* e a sua periferia estava perfeitamente retratada num canal longamente elaborado que passava por cenas picarescas e emocionantes [...]”. O jornal seguia os costumes da cidade e era perfeitamente integrado ao município porto-alegrense, sempre buscando representar os principais acontecimentos e temas ocorrentes na época. Além disso, normalmente o periódico não esgotava um assunto em uma primeira abordagem, sendo a “suíte” uma prática costumeira, já que os leitores normalmente tinham sua curiosidade suscitada com as matérias desenvolvidas e envoltas, por vezes, em mistério.

A derrocada da *Folha da Tarde* começou quando houve a intenção de aumentar a tiragem e atingir o interior gaúcho, ampliando, assim, o alcance do jornal e, por consequência, descaracterizando-o de sua configuração original. A *Folha* alcançava inicialmente a capital e a Região Metropolitana, mas, para chegar ao interior, houve necessidade de recuar o horário e submeter o jornal de forma mais incisiva aos

processos industriais. Assim, conforme o jornal foi alcançando o interior gaúcho, acabou perdendo tiragens que deveriam ser reservadas ao público-alvo da capital e da região metropolitana. O periódico deixou de ser efetivamente um vespertino quando ocorreu a sua fusão com a *Folha da Manhã*, no dia 24 de março de 1980, ainda mantendo, todavia, o título de *Folha da Tarde*. Paulatinamente, a tiragem, na época de 55 mil exemplares, foi sendo reduzida (GALVANI, 1996).

O término da *Folha da Tarde* aconteceu no ano de 1984, em decorrência da crise financeira da empresa e de decisões precipitadas após mais de 48 anos de circulação. O *Correio do Povo* também foi suspenso no mesmo contexto de dificuldades, mas voltou a circular em 1986, diferentemente da *Folha*. Galvani (1996) pondera, contudo, que a nova formatação do *Correio* parecia com a “antiga *Folha* e o sistema de notícias sintéticas” (p. 14), adequadas aos novos tempos.

Após a rememoração do percurso profissional do jornalista Carlos Reverbel e da breve elucidação em torno do vespertino *Folha da Tarde*, desenvolveremos, no quarto capítulo, a análise de narrativa de cinco crônicas publicadas no referido jornal e selecionadas para o *corpus* desta pesquisa, tendo como aporte científico a teoria narratológica exposta por Yves Reuter (2011).

4. APLICAÇÃO DE ANÁLISE DE NARRATIVA NAS CRÔNICAS PERTENCENTES AO *CORPUS* DE PESQUISA

4.1. CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Para identificar a figura do narrador presente nas crônicas de Carlos Reverbel que compõem o *corpus* de pesquisa, desenvolveremos uma análise de narrativa, mediante o embasamento teórico de Yves Reuter (2011). Para isso, alguns itens referentes à narração são elencados para uma observação mais minuciosa dos textos. Primeiramente, é preciso esclarecer que, quando falarmos em Carlos Reverbel, estaremos nos referindo ao narrador. Caso haja necessidade de pontuar algo específico sobre o autor Reverbel, isto será aclarado de forma explícita na análise.

Na aplicação metodológica, perscrutaremos a relação existente entre o narrador e o narratário, estabelecidas no universo textual, assim como identificaremos o modo narrativo presente nas crônicas. Também serão verificadas as funções assumidas pelo narrador, que segundo Yves Reuter (2011) são indicadas como *comunicativa*, *metanarrativa*, *testemunhal*, *modalizante*, *avaliativa*, *explicativa* e *generalizante* ou *ideológica*. De forma complementar, atentaremos para a voz narrativa, que pode ser classificada como *homodiegética* ou *heterodiegética*, permitindo a compreensão sobre as relações entre o narrador e a história relatada. Além disso, a análise de narrativa também contemplará a perspectiva narrativa, que segundo classificação de Genette pode ter *focalização interna fixa*, *focalização interna variável*, *focalização externa*, podendo ser, ainda, *não focalizada*.

As cinco crônicas selecionadas para o *corpus* desta pesquisa são *Rememorações*, de 5 de janeiro de 1979; *A cidade no verão*, de 8 de janeiro de 1979; *O gigolô do boi*, de 9 de maio de 1979; *Um inglês e o trem*, de 11 de maio de 1979, e *Gente de Quaraí*, de 28 de setembro de 1979. As crônicas foram publicadas originalmente na *Folha da Tarde* e posteriormente compiladas no livro *Saudações Aftosas* (1980), de Carlos Reverbel. A obra congrega 40 textos, compreendidos entre os anos de 1977 e 1979. Concentramo-nos na escolha de cinco crônicas da coletânea, selecionando algumas das que foram publicadas especificamente em 1979, já que este é o ano de publicação da maioria das narrativas presentes no livro. A partir disso, escolhemos alguns dos textos que consideramos mais representativos do cotidiano da cidade e do estado gaúcho, no intuito de apreender a figura do narrador presente nessas produções.

4.2. CRÔNICAS SELECIONADAS

4.2.1. *Rememбранças*

Apesar de o autor Carlos Reverbel ser reconhecido como figura de grande envergadura e relevância no cenário jornalístico gaúcho, ao iniciar “Rememбранças”, o narrador assume postura modesta logo no início:

Guardada a distância devida ao seu gênio literário, talvez já me encontre na situação em que se colocava Alcides Maya, quando dizia não passar de um velho jornalista, com espaço franqueado para publicação de suas rememбранças.

Com esta abertura, utilizando citação de Maya, Reverbel fala sobre sua própria produção cronística, caracterizando a sua coluna na *Folha da Tarde* como um espaço de crônicas marcado pela evocação da memória. Nesta crônica, portanto, verifica-se um narrador homodiegético que conta o relato em perspectiva focalizadora interna fixa e que é participante da história como personagem.

O narrador valoriza a recuperação histórica, o conhecimento sobre o tempo pregresso e as contribuições de muitos indivíduos das mais variadas áreas de conhecimento para a ampliação do saber. Nesta crônica, percebe-se um narrador saudosista, que rememora acontecimentos e situações pretéritas consideradas importantes, apresentando ao seu narratário nomes significativos da literatura, como quando fala de Alcides Maya, por exemplo. O narrador diz:

Há palavras que me fazem evocar o velho Alcides, acreditando aconteça o mesmo com aqueles que leram seus livros e o conheceram de perto. Em geral, as palavras são como gado orelhano, não têm marca nem sinal. Mas o velho Alcides adonava-se de certas palavras, sentando-lhes a sua marca. Por exemplo: esta palavra rememбранça. No vocabulário alcidiano, ganhava singular expressão, como se fosse sua crioula.

Carlos Reverbel faz, pois, referência ao modo de expressão e de uso das palavras que particularizam o trabalho desenvolvido pelo escritor. Ele faz alusão ao modo como os vocábulos e expressões permitem a apreensão de um narrador, que tem uma forma própria e peculiar de construção narrativa. Percebe-se que Carlos Reverbel utiliza-se frequentemente de vocábulos e expressões regionalistas, uma característica presente no modo de contar de um narrador que divulga a cultura do estado e o cotidiano rio-

grandense, valorizando suas peculiaridades para mantê-la viva na memória do narratário. Da mesma forma que algumas palavras adquirem feição ímpar na obra alcidiana, identifica-se na obra reverbeliana o mesmo fenômeno, em que o uso de expressões diversas pelo narrador produz um efeito singular de significação, advindo de um modo de contar próximo à naturalidade da fala e que é algo costumeiramente verificado em narrativas cronísticas. Em seguida, Reverbel pontua o gancho factual que enseja ao desenvolvimento da crônica:

Li outro dia nos jornais a notícia de que foi apresentada uma dissertação de mestrado sobre a obra de Darcy Azambuja. Então me ocorreram algumas “reminiscências”, ligadas ao saudoso escritor, na sua feição humana, como pessoa.

Ao afirmar isso, o narrador já ressalta ao narratário o quão notável é o escritor mencionado, dimensionando, assim, a relevância deste literato, que despertou interesse de um mestrando para o desenvolvimento de pesquisa acadêmica. Ele vale-se, com isso, da notoriedade do sujeito para a divulgação do regionalismo literário, um dos objetivos de Carlos Reverbel ao referenciar o nome de personalidades como Maya e Azambuja, expoentes da literatura regionalista gaúcha. A leitura da crônica de Reverbel permite que o narratário conheça importantes sujeitos ou que amplie a sua compreensão sobre os mesmos.

Aliás, citar personalidades e obras diversas é algo recorrente nas crônicas de Reverbel. O narrador efetivamente parece se preocupar em querer que certos nomes não sejam esquecidos e faz questão de mostrar ao narratário o que ele necessita conhecer para a sua formação intelectual, assumindo a posição de um sábio aconselhador. O regionalismo enquanto tradição literária narrativa é, dessa forma, amplamente explorado nesta crônica, assim como o uso de muitas expressões típicas rio-grandenses. Isto se evidencia no seguinte trecho:

Homem de grande saber, com uma obra literária e uma posição universitária eminentes, Darcy Azambuja apresentava traços, na sua modéstia e singeleza, de algumas de suas personagens, aquelas em que se reflete a alma simples da boa gente camponesa. Tomador de mate amargo e pitador de fumo crioulo (como o grande Augusto Meyer) parecia um velho chiru galponeiro.

Reverbel faz, portanto, uma comparação do escritor em relação às suas personagens, muitas delas uma extensão da personalidade do próprio Darcy Azambuja. A seguir, o narrador descreve o escritor como um “tomador de mate amargo” e “pitador

de fumo crioulo (comparando-o com o grande Augusto Meyer)”, fazendo alusão a práticas típicas do gaúcho. Neste comentário, o narrador quer enfatizar que Azambuja efetivamente vivencia o regionalismo do Estado.

O narrador, de forma nostálgica, rememora episódio vivenciado com o escritor. Ao entrar em uma fila de cinema, Reverbel conta que se depara com Azambuja e sua esposa, “a querida dona Maria”, já demonstrando intimidade para com o casal. Na época, o escritor ocupava o cargo de secretário do Interior, do governo do Estado. Apesar “da alta investidura”, o narrador enfatiza o homem que ali se encontrava indo ao cinema, como qualquer cidadão. Esta é uma tentativa de Reverbel de aproximar o narratário do escritor Azambuja, utilizando-se de recurso de humanização.

Depois da sessão do Cinema Rex, o narrador conta que Azambuja foi tomar chá na Confeitaria Central, posteriormente voltando a pé à sua residência, localizada na rua Jerônimo Coelho. Ao mencionar locais representativos da cidade, Reverbel lança mão de mais uma estratégia para aproximar o narratário de Darcy Azambuja, ao expor que o literato frequenta espaços da cidade conhecidos por todos os porto-alegrenses e, portanto, que é um indivíduo integrado à localidade em que vive (a cidade de Porto Alegre). O narratário desta crônica provavelmente é morador de Porto Alegre, pois muitos locais da cidade são mencionados pelo narrador, que não fornece maiores explicações sobre os espaços citados, podendo-se depreender, assim, que os mesmos são conhecidos por quem lê a crônica.

Em seguida, o narrador rememora o início da trajetória profissional de Azambuja:

Recém chegado da Encruzilhada, sua terra natal, para ingressar na faculdade de Direito, o futuro autor de “No Galpão” (um clássico do nosso regionalismo literário, na mesma linhagem de J. Simões Lopes Neto) foi trabalhar como caixeiro da Casa Bromberg, pois sua família era apenas remediada, com poucos recursos para custear seus estudos em Porto Alegre.

Nota-se que ao elucidar o narratário sobre o que é a obra “No Galpão”, Carlos Reverbel incorre em uma função explicativa, com a interrupção da história para fornecer informações que permitem ao narratário ter um pleno entendimento acerca do que fala. Neste trecho de enaltecimento, é possível perceber que Reverbel quer que o narratário familiarize-se com o escritor Darcy Azambuja. Assim, ao informar o narratário sobre a sua biografia, nota-se uma valoração do narrador a respeito dos esforços do escritor, o que pode ser novamente uma estratégia para que o narratário

passa a admirar Darcy Azambuja e identifique-se com ele. O narrador cita brevemente locais onde Azambuja atuou profissionalmente por meio de recurso de elipse para acelerar a narrativa no que concerne ao percurso de trabalho do escritor, informando que o literato atuou em “A Federação” e no “Jornal da Manhã”.

Em seguida, Carlos Reverbel conta que, após alguns anos, Azambuja havia sido convidado para editorialista no Correio do Povo, tendo lhe dito que “aceitara o convite, mas pediria alguns dias de prazo para iniciar o serviço”. Neste trecho percebe-se que o narrador apresenta uma função testemunhal comunicando ao narratário que travou diálogo para com o escritor. Portanto, a partir dessa declaração, o narratário tem noção do grau de certeza do narrador em relação ao que está sendo afirmado. A função testemunhal é claramente exemplificada pelo trecho a seguir:

[...] mandou me chamar: Quero que me acompanhes na visita que vou fazer ao dr. Breno, para agradecer-lhe a distinção e dizer-lhe que fiquei honrado mas não posso aceitar. E segredou-me o verdadeiro motivo de sua desistência: “Se for trabalhar no jornal, perderei os três meses de férias na Faculdade, talvez a única vantagem de ser professor”.

Ao fazer uso de discurso direto para a reprodução do que o escritor Azambuja havia lhe dito, Carlos Reverbel confere maior veracidade ao relato. O narrador demonstra, assim, proximidade e cumplicidade para com o literato, de forma que a função testemunhal faz-se presente em muitas passagens da crônica, sendo preponderante na mesma, já que o narrador evidencia o vínculo estreito para com o escritor.

Na continuidade do relato, Carlos Reverbel delinea a personagem Darcy Azambuja como alguém marcado pela simplicidade. Dessa forma, o narrador argumenta que os três meses que o escritor tinha de férias eram vividos em uma “pequena casa em Ipanema, trocando-a mais tarde, por um apartamento em Torres, situado num bloco arquitetônico que recebeu o apelido de Vila do IAPI, o que bem demonstra a modéstia da construção”.

Para convencer o leitor de que efetivamente tem propriedade para fazer estas afirmações, Reverbel conta que ambos foram condôminos no referido edifício, enfatizando, novamente, uma função testemunhal, de alguém que efetivamente conviveu com Darcy Azambuja. O narrador faz uso de muitos adjetivos para a caracterização da personagem, sempre em tom elogioso e saudosista, reiterando a estratégia adotada para incitar o narratário a conhecer a obra do relevante escritor.

Por meio de seu relato opinativo e de todas as considerações que faz a respeito do escritor, podemos perceber que Reverbel exerce uma função modalizante, sendo possível que o narratário compreenda o tipo de sentimento que perpassa o narrador quando faz o relato acerca da personagem. Observa-se claramente que Carlos Reverbel tem grande apreço e admiração pelo escritor, compartilhando, dessa maneira, algumas das vivências que teve com o mesmo. Por conseguinte, pode-se inferir também que o narratário desta crônica é alguém que ainda não conhece o escritor Darcy Azambuja, mas que precisa ser convencido, por meio da argumentação do narrador, de que é preciso pesquisar e conhecer a obra deste que é considerado por Carlos Reverbel um dos grandes nomes do regionalismo literário.

Ao prosseguir a explanação sobre como é a personagem, Carlos Reverbel afirma que o literato, “contrariamente ao que em geral se verifica entre escritores, não promovia a sua carreira, nem preparava a sua glória”. Ao fazer este comentário, o narrador posiciona-se criticamente ao modo como os escritores majoritariamente engendram a sua carreira a fim de obter reconhecimento. Assim, ele distingue Darcy Azambuja dos escritores em geral, enfatizando o que acredita ser mais uma grande qualidade da personagem. Para realmente convencer o narratário sobre esta afirmação, o narrador conta um fato que vivenciou com Azambuja, conferindo, com isso, maior credibilidade às opiniões que expõe. Nota-se que o narrador Reverbel preocupa-se em oferecer argumentações convincentes ao narratário, para que o mesmo seja persuadido.

Uma vez desencavei, em velho almanaque da Livraria do Globo, um de seus melhores contos, reproduzindo-o na “Província de São Pedro”. Ele não se lembrava de ter escrito e publicado esse conto, ficando muito grato pela minha “descoberta”. E outra vez, estando em minha casa, de visita, ficou meio perplexo pelo fato de eu colecionar, em duplicatas, as primeiras edições de seus livros regionalistas. Ele não conservava nenhuma.

Ao expor esta ocorrência, o narrador evidencia que o literato não apresentava preocupação em relação a detalhes dessa ordem e detinha uma espécie de desprezimento em relação à sua obra. Em seguida, o narrador completa que foram poucas as vezes em que Azambuja saiu do Rio Grande do Sul, somente tendo se afastado para participar de “bancas examinadoras em concursos para a cátedra superior, em outros Estados”. Carlos Reverbel afirma que a província bastava à Azambuja, “embora nada tivesse de provinciano”. Assim, a personagem apreciava a vida simples e interiorana na província, mas sua personalidade nada tinha de amatutada, atestando,

assim, ao narratário, que Darcy Azambuja buscava incessantemente novos conhecimentos, investindo em estudo e aprimoramento constante.

Por fim, o narrador conta que a personagem

refugiava-se em sua casa, fechando-lhe as portas ao mundanismo e às exteriorizações da vida literária, não aos seus alunos e aos seus amigos. E tendo sentimento religioso, não precisava ir à igreja, pois a levava dentro da alma.

Ao encerrar a crônica, o narrador usa figura de linguagem metafórica ao dizer que “tendo sentimento religioso, não precisava ir à igreja, pois a levava dentro da alma”, fazendo alusão a todas as qualidades presentes na personagem.

Dessa forma, a partir do compartilhamento de suas experiências pessoais com a personagem Darcy Azambuja, o narrador Carlos Reverbel assume, predominantemente, uma função testemunhal, para convencimento e argumentação sobre o que opina a respeito do escritor, no intuito de aproximar o narratário deste importante literato e de divulgar a tradição literária regionalista.

4.2.2. *A cidade no verão*

Nesta crônica, o narrador aprecia a redução populacional de Porto Alegre nos meses de intenso calor, quando praticamente metade dos porto-alegrenses viaja para o litoral. Carlos Reverbel posiciona-se de maneira objetiva desde o princípio, dizendo: “há pessoas (entre as quais me incluo) que amam Porto Alegre somente em janeiro e fevereiro”. Ao incluir-se no rol de indivíduos que gosta da diminuição do contingente de pessoas na cidade, o narrador demonstra uma função testemunhal, de que efetivamente conhece o clima no referido período, inserindo-se também como uma personagem que tem propriedade para falar sobre o assunto e compartilhar a sua experiência. Por isso, a narrativa passa por uma perspectiva focalizadora interna fixa, de um narrador homodiegético. Na continuidade de sua narrativa, Reverbel descreve o clima da cidade:

O clima porto-alegrense não ajuda, mas são tantas as compensações de outra natureza que até o calorão senegalesco fica amenizado. Aliás, o clima de Porto Alegre, nos bem-aventurados meses de janeiro e fevereiro (quando metade da população desaparece, indo para Tramandaí, só não é o pior do Brasil porque temos coisa parecida em Manaus e Belém do Pará. É o calor

funcionando dia e noite e a todo vapor. Não adianta ficar dentro de casa, ir para debaixo de uma árvore, mergulhar numa piscina ou engolir o ventilador.

É interessante destacar que nesta crônica, o narrador acaba construindo o espaço também como uma personagem. Porto Alegre é protagonista, a figura da qual todos falam e para a qual as atenções estão voltadas. Nota-se, assim, uma espécie de sinestesia na crônica, quando Reverbel descreve como Porto Alegre é no veraneio, com variadas adjetivações e figuras de linguagem que remetem a uma cidade realmente quente. A descrição pormenorizada e associativa construída por meio das expressões figuradas fornece o entendimento sobre como esta personagem é para o narrador e como ele a apresenta para o narratário.

Após descrever como é Porto Alegre nos meses de verão, o narrador lança uma crítica sutilmente irônica à administração municipal de janeiro de 1979, quando afirma: “talvez o prefeito Guilherme Villela não tenha incluído Tramandaí nos seus dispositivos de humanização da cidade, mas deve-se reconhecer que nada vem funcionando melhor, nesse sentido, do que a trêfega e simpática praia”. O narrador atesta que uma situação alheia à administração da prefeitura é mais efetiva no abrandamento dos problemas do que as ações do poder público. Neste trecho, é possível notar que o narrador assume opinião sobre a ineficiência na resolução de dificuldades que entravam o processo de “humanização da cidade”.

Por mais que aborde um assunto simples e trivial, Carlos Reverbel não perde a oportunidade de inserir questões sociais prementes em sua narrativa, apresentando-se como um crítico contumaz. Todavia, é importante enfatizar que a crítica do narrador é sempre revestida de certo tom de despreensão sobre o que é explicitado, o que se pode considerar um recurso de retórica, já que, na realidade, o narrador quer chamar a atenção para o que comenta de maneira indireta, uma característica típica do gênero crônica. Em seguida, Carlos Reverbel afirma:

Sob outros aspectos, Porto Alegre está ficando parecida com a Bahia. Não posso garantir se o processo terá solução de continuidade, invadindo outra área da cidade, mas a Praça XV e a Praça Parobé lembram cada vez mais a Bahia. Não, o mercado ali improvisado não é persa, é baiano. Gostaria que meu velho e prezado amigo Norival Paranaguá de Andrade inspecionasse o local e me fornecesse um parecer a respeito, como filho da Boa Terra.

O narrador aproxima Porto Alegre de alguns estigmas atrelados à Bahia, como o calor, a modorra e uma espécie de “bagunça” ou “desordem”, quando faz alusão ao comércio similar ao verificado no Estado baiano. Pode-se depreender que Carlos Reverbel considera certo nível de desorganização no comércio presente nos referidos locais, a julgar pelo adjetivo “improvisado” e por enfatizar que o mercado ali não é persa (com comércio bem desenvolvido), e sim, baiano. É interessante notar que o narrador fala em “solução de continuidade”, expressão capciosa que comumente gera confusão quanto ao seu significado, que é de “interrupção”. Por isso, ironicamente o narrador espera que o narratário partilhe de suas mesmas referências e que domine o vocabulário da burocracia.

Em determinado momento, o narrador dirige-se especificamente ao narratário Norival Paranaguá de Andrade, “velho e prezado” amigo do autor Reverbel, ex-delegado regional do trabalho no Rio Grande do Sul. Nesta parte, o narrador assume uma função comunicativa mais direta, quando direciona o seu pedido a uma determinada pessoa. O narrador pede que Andrade faça inspeção nos locais mencionados (Praça XV e Praça Parobé) e que lhe forneça um parecer sobre os mesmos, sugerindo a necessidade de avaliação sobre a atividade ali praticada.

Após apresentar como é a cidade no verão e descrever o clima no município, Reverbel posiciona-se novamente de forma crítica, afirmando que o fato de a cidade melhorar com a saída de metade da população no período de verão só confirma “que o maior inimigo de Porto Alegre não é outro senão o próprio porto-alegrense”, incidindo, pois, em uma função avaliativa sobre a situação exposta na narrativa. Ao fazer este julgamento, entende-se que o narrador fala ao porto-alegrense, que se configura como narratário desta crônica. Reverbel chama a atenção dos porto-alegrenses para o fato de que se a cidade melhora com a saída de grande parte da população, isso significa que os próprios moradores do local contribuem para as mazelas existentes. Com isso, o sábio narrador quer promover a reflexão do porto-alegrense, para quem fala, ironizando que o problema de Porto Alegre, na verdade, é o morador da cidade, seu narratário.

Na continuidade do texto, o narrador diz que os créditos da descoberta de um município melhor nos primeiros meses do ano são da colunista Ivete Brandalise, que aparece na narrativa como personagem. O narrador explora muitas adjetivações, em uma clara explicitação opinativa, e graceja sobre o calor na cidade.

Só depois que a brilhante colunista chamou a atenção para o estranho fenômeno, aprovando-o com a sua costumeira inteligência, foi que me dei conta de sua incidência, passando a usufruí-lo por apropriação indébita. Desde então, jamais arredei o pé de Porto Alegre nos meses de calor. E quanto maior for a canícula tanto melhor, pois a fuga da população aumenta na razão direta da alta da temperatura, tornando-se ideal a partir dos 30 graus à sombra.

Ainda falando de Ivete, podemos perceber que Reverbel aproxima Porto Alegre de outras localidades, como quando diz que “além de veranejar em Torres, ignorando Tramandaí, a esfuziante colunista costuma comparecer ao Festival de Gramado”. Ao citar Gramado, o narrador aproveita gancho que enseja à discussão a respeito dos turistas. A partir daí, o narrador vale-se de narrativas encaixadas, um jogo de níveis em que conta múltiplas histórias. O narrador explicita o cotidiano de Porto Alegre, mas adentra, também, em outras temáticas para além do espaço local, conectando as abordagens diversas por ganchos que com naturalidade encadeiam as histórias, não gerando relatos estanques. O narrador fala sobre o excesso de turistas:

O turista, quando se apresenta em vagas avassaladoras, satura qualquer cidade (mesmo Paris), tornando-a difícil de ser aturada pelos naturais do lugar. Talvez seja por isto que o parisiense não pode enxergar turista, ficando possuído de desabalado apetite antropofágico se for obrigado a suportá-lo, por dever de ofício. Então, não podendo devorá-lo de uma assentada, passa a comê-lo por uma perna, ou melhor, pela carteira.

Reverbel é direto na exposição de suas opiniões, revestido-as com exageração. Pode-se perceber o efeito de explicitação e intensificação pretendido, ao utilizar-se da expressão metafórica “possuído de desabalado apetite antropofágico”, em referência à grande insatisfação do estrangeiro por ter de aguentar, como bom anfitrião que recebe o convidado, os turistas que para lá vão. Continuando nessa linha de abordagem, o narrador diz que “[...] não podendo devorá-lo de uma assentada, passa a comê-lo por uma perna, ou melhor, uma carteira”, utilizando-se de metáfora em alusão aos preços exorbitantes que os turistas pagam como consumidores em Paris.

Aliás, é importante destacar que as figuras de linguagem são bastante exploradas por Carlos Reverbel, que frequentemente também utiliza exageros de expressão, possibilitando que o narratário tenha uma idéia mais clara sobre o sentimento que o narrador tem ao contar a história. Assim, a exploração da forma retórica e estilística dessas figuras permite a identificação de uma função modalizante no narrador, já que é possível perceber que tipo de emoção ele sente ao contar determinado trecho do relato.

A crítica está feita. Com graça, humor e intensificação, comparando o estabelecimento de caros valores cobrados aos turistas à prática de um canibal, Reverbel aponta um problema sem perder a leveza característica de sua crônica, que o aproxima do narratário. É interessante notar que o autor Reverbel teve experiências profissionais anteriores em Paris. Portanto, a partir do conhecimento da realidade desse local pelo autor, o narrador Reverbel explicita a situação e o que pensa sobre a mesma.

É pertinente observar que ele aponta questões sociais e problemas que permeiam o cotidiano dos indivíduos, abordando temas com criticidade. Mas, para além disso, diverte e entretém pelo modo como exprime suas idéias, as informações da atualidade e os assuntos considerados de maior seriedade. Por isso, a leitura da narrativa crônica se configura como um momento de lazer e de desopilação, em que se pode estar bem informado, sem, contudo, perder o bom humor.

Ao falar de assuntos triviais como a gorjeta, o narrador aproxima-se ainda mais de seu narratário, supondo que ele também se depara com situações relacionadas a isto. Essa característica pode ser exemplificada pelo desabafo que o narrador faz sobre o pagamento de gorjeta:

A gorjeta, essa deslavada invenção francesa, já vem incluída na nota dos restaurantes e similares, na proporção de 15 por cento. Deixa assim de ser considerada gorjeta, passando a fazer parte integrante da despesa. E se o freguês não pagar, por fora, outra gorjeta, leva no mínimo uma cadeirada. Por causa da gorjeta, na base de 15 por cento, e mais um adicional, em torno de 10 por cento, em Paris é mais negócio ser garçom do que dono de restaurante. E assim fica explicado o motivo pelo qual essa é a única categoria profissional que nunca entra em greve, deixando de aderir ao popular esporte, sem dúvida o mais praticado naquele país.

Nesse sentido, nota-se que o posicionamento crítico perdura e é marca importante desta crônica, inclusive quando Reverbel fala de outras localidades que não Porto Alegre, como é o caso de Paris (já que lá esteve e pode falar com propriedade sobre isso também). Assim, ele emite opinião ao falar que é mais vantajoso em Paris ser garçom do que dono de restaurante.

Para fins comparativos, o narrador fala que os “pubs” de Londres têm um sistema diferente de Paris.

O sujeito vai ao balcão, faz o pedido, paga a despesa (não se aceita gorjeta) e leva ele próprio a bebida ou a comida para uma mesa à sua escolha, se não quiser ingeri-la ou degluti-la de pé, junto ao balcão, repetindo a operação tantas vezes quantas lhe apetercer. Tendo simpatizado com o sistema e, principalmente, com a cerveja Guinness (cor de jambo como a Júlia Matos),

certa vez repeti toda uma tarde a mesma operação, estando assim bastante autorizado a recomendá-la a gregos, troianos e outros apreciadores do popular pão-líquido.

Ao finalizar, Reverbel faz troça e diz que “o vaivém entre o balcão e a mesa faz bem para as coronárias, compensando eventuais estragos em outras regiões anatômicas e respectivos órgãos”. Dessa forma, ao falar sobre o que pensa a respeito do excesso de turistas em uma localidade e criticar a gorjeta, chamada pelo narrador de “deslavada invenção francesa”, inserindo na narrativa, também, uma comparação com o sistema presente nos *pubs* de Londres, percebe-se que o narrador elege como parâmetros explicativos o que acontece em duas cidades europeias. Depreende-se com isso, que ao trazer Paris e Londres para a canícula porto-alegrense, o narrador reitera uma visão eurocêntrica.

Assim, o narrador perpassou por assuntos variados (conectados entre si) e foi da crítica ao humor, finalizando a crônica com o toque de graça que agrada o narratário e que o impele a ler a próxima crônica.

4.2.3. *O gigolô do boi*

Na primeira frase desta crônica, o narrador já fornece ao narratário a noção sobre o que versará a narrativa e em que sentido a argumentação será desenvolvida, apresentando-se como um narrador homodiegético, com perspectiva focalizadora interna fixa. Ele diz: “a ‘belle époque’ da carne bovina está com os dias contados. Vamos entrar, por causa disso, numa fase de aristocratização do boi, com uma série de mudanças de hábitos.” Nota-se neste trecho, que ao utilizar a expressão “belle époque” (francesismo que designa uma época áurea de efervescência cultural) Carlos Reverbel evidencia que a boa fase da política da carne está prestes a acabar e que haverá a “aristocratização do boi”, ou seja, a carne se tornará mais valorizada e, por consequência, sofrerá processo de encarecimento.

É interessante pontuar que as expressões metafóricas referidas anteriormente - belle époque e aristocratização – geram um contraste em relação à ideia de rusticidade normalmente atrelada ao ciclo econômico da carne bovina. Ao escolher esses vocábulos, o narrador provoca um efeito de contraposição, que já permite ao narratário compreender que efetivamente o Rio Grande do Sul entrará em uma fase de inúmeras modificações.

A seguir, Carlos Reverbel assume uma função explicativa ao elucidar o narratário sobre como o ciclo econômico da carne bovina se estabeleceu em distintos momentos da história, desenvolvendo, pois, uma contextualização sobre o tema que está sendo tratado. Esta explicação é fornecida de maneira concisa e bastante didática, como é possível conferir no excerto abaixo:

Nos tempos do povoamento, aproveitava-se do boi apenas o couro. A carne era entregue ao banquete dos corvos. Depois veio a época do sebo, com a carne ainda em segundo plano. Afinal, vieram as charqueadas, tendo tomado corpo e deitado raízes, com esses estabelecimentos, o ciclo econômico da carne bovina no Rio Grande do Sul.

Nota-se que a explicação histórica é dada de forma simples, próxima ao leitor e no estilo típico do gênero crônica. Assim, a partir da contextualização anterior, o narrador explica o motivo da expressão “gigolô do boi”, elucidando o narratário ao explicitar que a denominação carrega um claro sentido de humor. No terceiro parágrafo, o narrador conta que

[...] tanto falaram e tanto fizeram, sempre mandando contra, que o fazendeiro, encalistrado, abandonou a sua gigolagem. Foi plantar soja. E o rebanho começou a diminuir. E a carne começou a subir. E agora estamos com dois espetos atravessados na garganta: a escassez e a carestia.

O narratário desta crônica configura-se como o consumidor de carne, mas o narrador também fala (de forma indireta) a quem estimulou o plantio de soja no Rio Grande do Sul e que é crítico da prática de “gigolagem” do fazendeiro, que alterou seu trabalho por motivos pragmáticos, algo que na opinião de Reverbel só trouxe prejuízos ao gaúcho no que concerne ao preço da carne.

Em seguida, Carlos Reverbel emite opinião sobre como considerava o antigo sistema de “gigolagem” satisfatório e mostra-se saudosos em relação “aos bons tempos da carne barata, quando o fazendeiro era gigolô do boi, em geral com desaprovação de gregos, troianos e outros demagogos”, incidindo, pois, em uma crítica aos contrários ao referido sistema. O narrador argumenta sobre o motivo pelo qual não concorda, embasando a sua opinião de forma consistente:

Ninguém reconhecia que, graças a essa gigolagem, a carne bovina era vendida a preço de banana, servindo democraticamente, de alimento para o clero, a nobreza e o povo. Gente rica, como o americano, comia carne duas vezes por semana, e olha lá. Mas nós, com toda nossa pobreza, podíamos nos

dar ao luxo de devorá-la diariamente. Para manter essa dieta carnívora, bastava o freguês ser de condição remediada, mesmo pendendo para o pobretão. Foi a longa e dadivosa “belle époque” da carne bovina no Rio Grande do Sul, outrora pecuaríssimo, segundo o poeta Tyrteu da Rocha Viana.

Como é possível perceber, o narrador utiliza como argumento central favorável à denominada “gigolagem”, o preço acessível da carne bovina de anteriormente, que podia ser adquirida por todas as classes sociais. No excerto, entende-se de forma mais clara a significação que Reverbel credita à expressão “belle époque” no contexto da crônica, não deixando de citar, como de costume, algum nome que considera importante e que pode ser inserido no texto, neste caso o poeta Tyrteu da Rocha Viana, pertencente ao regionalismo literário gaúcho, que de certa forma auxilia o narrador a avalizar o seu posicionamento. Aliás, Carlos Reverbel frequentemente faz uso de referências diversas com o objetivo de endossar o que expõe, apresentando, assim, maior consistência argumentativa, como se pode observar no trecho abaixo:

Li há tempos um estudo da FAO, mostrando que os povos de baixo poder aquisitivo (como o nosso) só podiam obter carne a preços acessíveis no regime de criação extensiva. Ao mudarem de regime, passando para o intensivo, teriam de pagar pelo produto de acordo com as cotações internacionais.

O narrador também fala que as churrascarias vão desaparecer, “ou melhor, terão de mudar completamente de rebolado (metáfora em alusão às modificações pelas quais terão de passar), “acabando com as saturnais de carne em que tanto caprichavam, causando espanto aos europeus que nos visitavam”. Nesse sentido, ele critica todos os que sempre se mostraram contra o esbanjamento de carne bovina, mas que acabavam deliciando-se com as churrascadas, como é possível observar no trecho a seguir:

O assunto era geral, atingindo ingleses, alemães, italianos, noruegueses, suíços, suecos, franceses et caterva. [...] Um francês por mim levado certa vez a uma dessas bacanais de carne bovina, ficou indignado, em lugar de agradecer pelo churrasco. E levou todo tempo a indagar: onde está o racionalismo? Mas nem por isso o cultor de Monsieur René du Perron Descartes deixou de atender robusta picanha, rebatendo-a com um costilhar digno de engraxar os bigodes do Paixão Côrtes.

Quando Reverbel fala dos europeus e utiliza a expressão “et caterva”, (que designa um grupo de pessoas com um tom depreciativo), percebe-se que o narrador

mostra-se contraposto à demagogias, o que evidencia-se quando cita o francês, que apesar de criticar, “não deixou de atender robusta picanha”. O posicionamento de Reverbel é revestido de humor, uma estratégia que mantém o narratário interessado na narrativa e que gera uma dinâmica diferenciada, no intuito de provocar o riso e não incorrer em monotonia e seriedade no modo de abordagem. É importante atentar, também, para o contraste de erudição e regionalismo evidenciado pelas figuras das personagens René Descartes (filósofo francês do racionalismo, autor da frase “penso, logo existo”) e Paixão Côrtes (folclorista da cultura gaúcha).

O narrador apresenta uma função avaliativa, acreditando que, mesmo com a implementação de esforços, dificilmente a situação voltará a ser como anteriormente. Isto pode ser verificado na passagem em que Carlos Reverbel diz metaforicamente que “estamos entrando nessa dança e parece que dela não sairemos mais”. O narrador claramente assume um posicionamento em defesa do consumidor, maior prejudicado com a conjuntura econômica em sua opinião.

Deste modo, Carlos Reverbel expõe suas críticas, normalmente acompanhadas de costumeiros toques de humor, embasando-as em uma argumentação consistente e valendo-se, inclusive, de referências que o auxiliam a avalizar a sua opinião.

4.2.4. *Um inglês e o trem*

No início desta crônica, Reverbel já se apresenta inserido na narrativa como uma personagem, sendo possível identificá-lo como um narrador homodiegético, contando a história sob uma perspectiva focalizadora interna fixa. Ele começa o relato exercendo uma função testemunhal, ao contar que, nesses dias, teve de acompanhar um inglês (uma personagem da crônica) em viagem pela campanha. Reverbel descreve o inglês fisicamente, com tom marcado pelo humor:

Era um gringo de aparência rubicunda e porte avantajado. A olho, dei-lhe dois metros e pico. Até aí nada de extraordinário. O espanto apareceu quando assentei o olhómetro na direção dos pés do vivente. Calçava sapatos 54, conforme ele próprio me informaria ali, pelo Pantano Grande.

Na continuidade do relato, o narrador diz que “a viagem ia correndo linda no mais” (troça do narrador em referência à aparência do inglês), até “começar a chover canivete aos baldes”, expressão que apresenta o exagero de termos hiperbólicos,

percebendo-se que o narrador pretende gerar um efeito de intensificação e explicitação ao explorar figura de linguagem, fornecendo ao narratário a compreensão sobre o quão forte foi a chuva.

Em seguida, Reverbel invoca de forma exclamativa Santa Bárbara e São Jerônimo, santos da Igreja Católica considerados protetores contra raios, trovões e chuvas fortes. Ao citá-los, ele referenda as crenças da doutrina religiosa da maioria dos brasileiros. Na sequência, completa que “era água que Deus mandava”, o que contribuiu para que ficassem ilhados em uma estância localizada na costa do Ibicuí da Armada. Os percalços foram vários, mas o inglês se mantinha “sempre firme, tirando tudo de letra, na maior desportividade”. Carlos Reverbel enaltece, nesse sentido, o comportamento “educado” do inglês, reiterando uma visão eurocêntrica sobre o que se pode considerar como padrão de bom comportamento social.

O narrador pontua que a única coisa que preocupava o estrangeiro era “ficar retido naqueles confins, perdendo a reunião com o ministro Cirne Lima, a que devia comparecer no dia seguinte, em Porto Alegre. Negócio grande, de importação de gado. Por sinal South Devon, a melhor raça europeia para cruzar com as zebuínas”. Neste trecho identificamos o gancho factual da crônica e, com mais clareza, compreendemos quem é o inglês e o que ele foi fazer no Estado gaúcho.

O narrador prossegue o relato com a exploração de muitos vocábulos e expressões regionalistas, uma característica bastante presente em sua narrativa.

De carro não dava para sair. “Mas não seja por isso”, disse o fazendeiro. E providenciou a nossa remoção, a cavalo, até uma estação ferroviária, situada nas circunvizinhanças, coisa assim de três léguas de beíço, isto é, das grandes. Tocou para o inglês um pingaço baio cabos-negros, marca do dr. Oswaldo Carlos de Oliveira Souza. No trote chasqueiro e alguma galopeadita daria tempo para pegar o trem noturno na estação São Lucas. “Thank you very much”. Era o inglês agradecendo, no soflagrante da despedida, a famosa “hospitality” gaúcha.

A inserção de expressões regionalistas, no contexto da história, acaba por gerar traços de humor à crônica, um efeito pretendido pelo narrador. Aqui, claramente percebe-se a leveza da narrativa, já que uma situação adversa do cotidiano é contada pelo narrador com coloquialidade, algo característico do gênero cronístico e explorado por Carlos Reverbel. No excerto observa-se que os termos regionalistas utilizados pelo narrador coadunam-se perfeitamente ao espaço interiorano do Rio Grande do Sul, onde

a história se passa, fornecendo uma noção sobre a efetiva proximidade do narrador para com o interior gaúcho e seus modos de expressão.

Com a reprodução do agradecimento do inglês (no idioma nativo do estrangeiro), em discurso direto, o narrador confere maior efeito de veracidade à ocorrência relatada. Ao utilizar-se de vocábulos e expressões pertencentes ao idioma nativo do inglês, Reverbel também demonstra uma tentativa de aproximar-se mais do universo da personagem. Ao dizer que o inglês agradecia “no soflagrante da despedida, a famosa ‘hospitality’ gaúcha, nota-se que Carlos Reverbel é irônico, pois a viagem não apresentou exatamente uma “hospitalidade” adequada e satisfatória ao estrangeiro, já que inúmeros problemas foram enfrentados para o acesso ao transporte ferroviário.

Essa consideração corrobora-se em seguida quando o narrador conta que em torno de “11 p. m. (como dizem os britânicos) apareceu o trem noturno se desmantelando e botando os bofes pela janelinha do maquinista, na falta daquelas provectas chaminés marca Maria Fumaça, de saudosa memória”. Nesta parte, verifica-se uma crítica de Reverbel em relação ao transporte ferroviário, uma alusão às más condições do veículo, que não apresentava as chaminés Maria Fumaça. Pode-se depreender que quando faz essas ponderações, o narrador fala também ao responsável pelo setor ferroviário, que não oferece um transporte de qualidade, configurando-se, assim, como um narratário desta crônica. Na continuidade da narrativa, Carlos Reverbel segue com o posicionamento crítico em relação ao trem:

Como manda a pragmática, vinha com umas duas horas de atraso. Na plataforma da estação cabia apenas a locomotiva, o bagageiro, o carro de segunda e o carro-boteco, por alcunha restaurante. O grosso da composição ficou estendido ao longo da linha, com os degraus de cada vagão lá em cima, longe do chão.

O narrador chama a atenção para o não cumprimento do horário exato em que o trem deveria chegar à estação, criticando a demora do sistema (por isso, evidenciou anteriormente o horário 11 p.m.). Considera isso como algo constrangedor e inconveniente, até mesmo pelo fato de que os ingleses são conhecidos por seu extremo rigor em relação à pontualidade. O narrador enfatiza que o episódio de atraso não é isolado, mas corriqueiro, tendo se tornado comum, ou seja, o sistema de transporte ferroviário não funciona adequadamente. Nota-se que há um tom de deboche na descrição sobre o trem, o que é possível perceber, por exemplo, quando fala do carro-boteco, “por alcunha restaurante”, um comentário com tom depreciativo a respeito do

espaço. Sobre as dificuldades diversas verificadas na noite de viagem, o narrador prossegue:

Fazia uma noite de breu. Dessas de até vagalume errar o caminho e perder a direção do voo. A eletrificação rural que servia à estação era representada por um liquinho, que bruxuleava, qual vela de sebo melhorada, a uns 80 metros do vagão-evereste que tínhamos de escalar, praticando alpinismo na escuridão do pampa. E o inglês comendo tudo em tranca, aguentando tudo no osso do peito, na desportividade de sempre. Tudo para ele estava “very, very good”. E só tirava o caximbo da boca para dizer OK.

Mesmo com toda a adversidade de uma noite dificultosa, o narrador não perde o senso de humor e mostra-se espirituoso quando fala, por exemplo, do “liquinho” (espécie de lampião) “que bruxuleava, qual vela de sebo melhorada” (uma comparação que se refere ao modo rudimentar de iluminação).

Carlos Reverbel reitera que apesar dos inúmeros problemas da viagem, o inglês se mostrava sempre educado, “aguentando tudo no osso do peito”, expressão figurada para indicar que o estrangeiro suportava todas as dificuldades com resignação e paciência, afirmando que tudo estava “very, very good” (fala do inglês repetida em muitos trechos da crônica, já que a intenção do narrador é ratificar a postura paciente e passiva do estrangeiro).

Carlos Reverbel enaltece o comportamento conformista do inglês frente às vicissitudes que se apresentavam ao mesmo, como quando diz que “qual jovem audaz do trapézio volante” (comparação para fazer referência à ação dificultosa de chegar até o vagão, demandando habilidade e esforço para contornar a situação), o “patrício de Sir Winston Leonard Spencer Churchill errou o degrau” (o narrador de alguma forma “enobrece” o inglês ao fazer referência ao político britânico, mas faz isso com ironia sutil pela situação adversa em que o estrangeiro se encontrava). Carlos Reverbel faz outra crítica, quando diz que somente conseguiram uma cabine no trem “engraxando as unhas do camareiro no unto de opípara gorjeta”, aludindo ao que seria uma espécie de suborno. O narrador é, nesse sentido, metucioso ao descrever os problemas diversos no sistema ferroviário, evidenciando, assim, a sua preocupação com uma argumentação consistente e detalhada sobre o que verificou.

Carlos Reverbel parece constranger-se por receber o estrangeiro nas condições apresentadas. Ele sente-se como o anfitrião que não consegue receber adequadamente o seu convidado. Para tentar amenizar o desconforto do inglês, Carlos Reverbel conta que logo assume ares de “gentleman”, ficando com o leito de cima da cabine e cedendo o

leito de baixo ao inglês, menos sacolejante e com maior conforto ao estrangeiro. Para completar a situação desconcertante, o narrador, em uma descrição detalhada sobre como posicionou-se o inglês no leito, provoca risos no narratário:

E depois de procurar acomodar-se o melhor possível, não teve outro jeito senão optar pela clássica posição ginecológica. Instalou-se de barriga para o ar, mãos cruzadas na nuca, joelhos soerguidos, pernas abertas em leque, olhos piscos e pervagantes. Experimentou diversas posições (inclusive o decúbito dorsal), mas foi a ginecológica a única que lhe permitiu caber dentro do leito, uns 30 centímetros mais curto do que a sua simpática e avantajada pessoa. E assim fez todo o percurso, chegando ao seu destino (aliás ao nosso), de peito aberto e camisa arremangada, pois estava fazendo um calor de rachar, embora o dia anterior fosse de rigoroso inverno. Mas o inglês não parava de repetir: “Your climate, very, very good”.

Ao falar que o inglês teve de colocar-se em “posição ginecológica” com a minuciosa descrição e a comparação inusitada, o narrador evidencia o constrangimento pelo qual o indivíduo passou na viagem devido ao deficitário sistema ferroviário e que, apesar de sua educação e paciência, provavelmente deve ter saído do Estado gaúcho com impressões negativas. Ele também provoca riso ao colocar o inglês em posição ridícula ao seu protótipo de homem fleumático. Além disso, o narrador chama a atenção para a imagem desfavorável que está sendo construída sobre o Rio Grande do Sul.

Carlos Reverbel assume uma função avaliativa sobre toda a situação exposta. Para ele, esta é “uma das melhores demonstrações de subdesenvolvimento que poderíamos ministrar a um estrangeiro”. Em seguida, incide em uma função metanarrativa, quando explica o motivo de ter contado a história na crônica e, portanto, quando aponta para a estrutura interna do texto. Reverbel relatou o episódio depois de ter lido algumas declarações, “em que o responsável pelo setor, no Rio Grande do Sul, diz não ser da competência da ferrovia o transporte de passageiros para o interior do Estado”. Por esta assertiva, depreende-se que Reverbel fala diretamente ao responsável pelo setor ferroviário no RS, um narratário da crônica. Contudo, o narratário majoritário é o cidadão gaúcho, que possivelmente também enfrenta problemas com o transporte ferroviário do Estado e que se sente representado pelo narrador, que faz críticas às dificuldades verificadas.

Por fim, de maneira irônica, Reverbel expõe, de forma indireta, que não há um comprometimento efetivo por parte de autoridades responsáveis pelo setor ferroviário em relação às suas incumbências, evidenciando isto ao dizer que “talvez seja o caso de transferir-se o problema ferroviário para a área da respeitável matrona assaz conhecida

como vó do Badanha” (a expressão vó do Badanha é muito utilizada no Rio Grande do Sul e se refere a alguém desconhecido, fazendo alusão à fuga de responsabilidade).

Observa-se, portanto, que nesta crônica, o narrador utiliza-se de muitos recursos de intensificação, ironia e humor para tratar de um tema sério, que é a condição problemática do sistema ferroviário no Estado. Mesmo fazendo uma crítica contundente, com argumentação incisiva, o texto cronístico não perde a sua característica função de promover riso.

4.2.5. *Gente de Quaraí*

No primeiro parágrafo, Carlos Reverbél inicia a crônica situando o narratário sobre o espaço em que se passa a história, assim como o tipo de circunstância presente na narrativa: “era uma festa escolar, dessas de formatura, nas quais se caprichava antigamente. A cerimônia realizou-se no Theatro São Pedro, para desespero do Dante Barone, então diretor do estabelecimento”. Logo no princípio, portanto, o narrador referencia o Theatro São Pedro, um dos espaços culturais mais representativos da cidade de Porto Alegre. O narrador já dá pistas sobre o que versará a crônica e qual será a situação de conflagração exposta, suscitando, com isso, a curiosidade do narratário, que quer conferir a continuidade do relato. A seguir, o narrador adentra de forma direta em sua crítica, explicitando com veemência a sua opinião:

Sendo um próprio do Estado, o velho teatro era solicitado, naquela época, por gregos, troianos e outros invasores. Funcionava mais como casa da sogra do que, propriamente, como teatro. Assim, suas portas eram franqueadas, por esdrúxula munificência estatal, para a realização de atos públicos da maior impropriedade, entre os quais, diga-se de passagem e a bem da verdade, os de natureza escolar não eram dos mais inadequados.

Percebe-se claramente a contraposição de Reverbél ao uso generalizado do teatro para atividades que pondera como inapropriadas ao espaço cultural. O julgamento que faz sobre quem utiliza o Theatro São Pedro para fins variados evidencia-se na pejorativa expressão “gregos, troianos e outros invasores”, que também carrega sentido de humor e ironia a partir da metáfora histórica, explicitando que considera uma inadequação a realização de determinados eventos que fogem aos costumes do teatro. Essas atividades são classificadas com tom depreciativo pelo narrador, que enfatiza a

inadequação das mesmas e reitera com expressão metafórica e popular que o local era mais utilizado como “casa da sogra”, do que efetivamente como teatro.

Carlos Reverbel não critica somente os indivíduos que fazem o uso indevido do espaço, mas também, a administração pública que permite que essas comemorações sejam lá realizadas. A crítica é feita de maneira categórica, algo que é comumente verificado no modo de comunicação do narrador, normalmente bastante direto e incisivo em sua exposição opinativa, como quando fala em “esdrúxula munificência estatal”, adjetivando negativamente o Estado.

Assim, pode-se depreender que o narratário da crônica é o frequentador do teatro, mas há momentos em que o narrador também fala ao Estado, quando afirma que é preciso maior rigor e seletividade no intuito de que o teatro não seja desviado de sua finalidade original, apresentando, nesse sentido, uma postura conservadora. Nota-se que por meio de seu modo de expressão, consegue-se apreender o tipo de emoção que o narrador tem ao contar a história, depreendendo-se, com isso, que Reverbel incorre em uma função modalizante. Uma função avaliativa também é identificada no narrador, com o julgamento sobre o fato de o desvio de função ser um dos mais lamentáveis episódios do Teatro São Pedro, como se pode notar no seguinte trecho:

Em todo caso, a contumácia com que fôra desviado de suas finalidades específicas, deixando-o seguidamente sem datas para pleno exercício de suas verdadeiras funções deve ter sido um dos mais melancólicos capítulos de seu passado, embora não figure na história oficial do estabelecimento.

Ao dar seguimento ao relato, Carlos Reverbel pede que estas ocorrências não se repitam após a reabertura do Theatro São Pedro. Aproveitando o gancho deste comentário, o narrador não perde a oportunidade de fazer mais uma crítica, agora referente à demora da restauração do local, também endereçada à administração pública. Sobre o teatro, ele diz que “os trabalhos de sua restauração foram acometidos de trombose e paralisia geral, por falta de numerário, como diria o dr. Borges de Medeiros”. Assim, com toque de humor, o narrador compara metaforicamente o tardamento da reforma a “disfunções” que entravam a continuidade do processo restaurativo. Essa é uma estratégia de Carlos Reverbel para manter o narratário interessado na história, entremeando críticas e gracejos que conferem leveza e graça à crônica.

Na continuidade, o narrador diz: “mas esta é outra história, de que pretendo ocupar-me noutra oportunidade, depois de ouvir dona Eva Sopher, protagonista involuntária da nova sinfonia inacabada. Agora preciso reatar o fio daquela lembrança”. Nota-se que Reverbel incide em uma função metanarrativa, já que faz menção à estrutura interna da crônica, pontuando que a última crítica exposta pertence à outra história, que deve ser contada em outro momento. Ele esclarece que o foco da narrativa cronística concentra-se no relato que estava sendo narrado no início do texto. A partir dessa ponderação, Reverbel volta a falar sobre a festa escolar realizada no Theatro São Pedro, descrevendo o que fez Dante Barone (aqui identificado como personagem).

O Barone preparava o ambiente para a festividade, embora a contragosto, pois não lhe agradava assistir a quebra das grandes tradições do glorioso teatro, por onde passaram grandes cantores líricos, concertistas e atores dramáticos. Mas não podia desobedecer ordens baixadas de cima, tão irredutíveis quanto os desígnios da providência.

Podia, entretanto, reduzir os preparativos à expressão mais simples. E foi o que ele fez, limitando-se a colocar no palco, sob a luz de gambiarras encabuladas tosca mesa de cavalete, dessas de churrasco ou convescote, cobrindo-a com melancólico e descorado pano de veludo, já avançado na desabalada cor de burro quando foge.

É interessante notar que Reverbel fala de elementos da cidade e faz associações às imagens que remetem ao campo e ao regionalismo, o que evidencia o teor irônico da narrativa. Carlos Reverbel confere destaque ao modo de ação de Barone, pois seu posicionamento é convergente ao da personagem. O narrador aprova a maneira encontrada pelo diretor do estabelecimento para “burlar” de alguma forma as determinações superiores à realização da festividade. Carlos Reverbel descreve minuciosamente como Dante Barone preparou o ambiente da forma mais simples possível e aparenta estar “indo à forra” com a atitude da personagem.

Após a descrição sobre o evento, o narrador passa a outro assunto, indicando a transição de abordagem (quando o caráter solene da ocasião cede lugar a uma maior descontração) e suscitando no narratário a curiosidade para saber o que será dito:

Num dado momento, quando a cerimônia já perdera um pouco da sua solenidade, talvez por força do calorão de dezembro (as noites de formatura eram as mais sufocantes do ano), as autoridades que ocupavam a mesa começaram a entreolhar-se e a ter dificuldades para conter insidiosos frouxos de riso.

A partir daí, o foco é modificado e Reverbel atenta para o fato de que todos os presentes na mesa são naturais de Quaraí, ocorrência enaltecida pelo narrador, que apresenta uma postura regionalista e que, com isso, aproxima-se mais do narratário, como é possível observar no seguinte trecho:

Haviam se dado conta, de supetão, de que todos ali eram filhos de Quaraí. E desta forma estavam apresentando, reunidos naquela mesa e naquele teatro, uma performance migratória que talvez não encontre símile nem mesmo nos opulentos fastos ambulatoriais do Ceará.

Observa-se que o narrador apresenta uma função testemunhal e evidencia que tem propriedade para relatar a ocorrência quando diz: “posso recordar o episódio porque dele participei, representando o dr. Coelho de Souza, o maior secretário de Educação que o Rio Grande já teve”. Ao expor ao narratário que é uma das personagens presentes no referido grupo, Reverbel não somente engrandece Quaraí, sua cidade natal, mas também a si próprio, já que exalta as personalidades presentes na mesa. Isto é percebido claramente no seguinte excerto:

Os demais membros da mesa eram a professora Olga Acauan Geyer, o general Outubrino da Graça, a professora Florinda Tubino Sampaio, a poetisa Lila Ripoll e o compositor e pianista Natho Hehn, que ocupavam, na ocasião, destacadas funções no sistema educacional do Estado.

[...] Lembro-me de que Lila Ripoll também perpetrou o seu gracejo, dizendo que a equipe ficaria muito mais forte e, talvez, imbatível, se pudesse ser reforçada pelas duas maiores figuras do selecionado quaraense: Dyonélio Machado e Cyro Martins.

Nesta crônica, portanto, verificou-se um narrador homodiegético, com perspectiva focalizadora interna fixa. Carlos Reverbel referencia um importante espaço cultural da cidade de forma saudosa, efetuando críticas no intuito de que o local não seja utilizado para fins inapropriados e marcando a sua opinião de forma contundente, assumindo funções avaliativa e testemunhal sobre o relato.

4.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Em todos os textos analisados detectou-se a presença de um narrador homodiegético, que é participante da história como personagem e que conta a diegese sob perspectiva focalizadora interna fixa, passando, portanto, pela visão do narrador-personagem. A partir da aplicação metodológica de análise de narrativa, segundo teoria

exposta por Yves Reuter (2011), algumas características principais foram apreendidas no que concerne ao narrador Carlos Reverbel.

Primeiramente, observou-se que o narrador suplanta o gancho factual que enseja à crônica, que muitas vezes configura-se como um pretexto para penetrar em meandros diversos sobre a temática exposta ou para ampliar sua abordagem, atingindo objetivos maiores. A narrativa cronística é desenvolvida para ultrapassar o que é efêmero e que serve de gancho para as composições no espaço jornalístico. Conforme pontuou Sanseverino (2002), a crônica só é sustentada quando na inserção de reflexão ou de lirismo. Dessa forma, esse gênero acaba por ultrapassar o universo do jornal e recria o tempo efêmero da linguagem jornalística (PEREIRA, 2004). Percebe-se, nesse sentido, que Carlos Reverbel contempla essa prerrogativa cronística por não restringir sua abordagem às circunstâncias. A evocação da memória é uma marca importante da produção textual de Reverbel, que frequentemente se apresenta saudosista em suas lembranças. O narrador também compartilha muitas de suas experiências e saberes, algo que se evidencia com a identificação de um narrador homodiegético, que vivenciou ou presenciou situações diversas e que as divide com quem lê a narrativa. Assim, segundo Benjamin (1985), a experiência normalmente é a fonte essencial dos narradores para as suas histórias, algo efetivamente utilizado por Carlos Reverbel.

O narrador contempla em suas crônicas os temas pertencentes ao cotidiano, mostrando-se sintonizado à proposta da *Folha da Tarde* de ser um jornal representativo dos costumes locais, como foi possível notar pelas referências diversas ao espaço da cidade e nas temáticas dos textos, que versam sobre expoentes do regionalismo literário gaúcho; o calor de Porto Alegre nos meses de veraneio e a diminuição do contingente populacional neste período; o processo de encarecimento da carne bovina que impacta nas finanças e nos hábitos do gaúcho; as dificuldades verificadas no transporte ferroviário do Rio Grande do Sul e, por fim, o uso inapropriado do Theatro São Pedro, um dos mais importantes espaços culturais da cidade de Porto Alegre. É válido destacar, mais uma vez, que, em alguns momentos, o narrador faz uso de narrativas encaixadas que são inseridas no tema majoritário desenvolvido na crônica, mas que se encadeiam à narrativa com naturalidade.

É interessante ponderar que Carlos Reverbel assume parte das características dos dois representantes arcaicos da figura do narrador apontados por Walter Benjamin (1985). Reverbel tanto conhece as histórias e ocorrências locais, como também traz ao seu narratário conhecimentos diversos advindos de outras localidades, mas também de

um distanciamento temporal, pertencente à tradição, com todas as suas “memórias” e contextualizações.

Outro aspecto que precisa ser ressaltado, é que o narrador apresenta um modo de comunicação que se aproxima da oralidade, embora utilize muitas palavras que podem ser consideradas refinadas. Isso pode soar paradoxal, mas Reverbel consegue equilibrar as suas escolhas vocabulares e efetivamente estabelecer um vínculo de proximidade para com o narratário. Assim, evidencia-se uma função comunicativa em todas as crônicas, já que o narrador constrói uma relação para com o narratário.

A narrativa próxima da naturalidade da fala é construída, também, por meio da exploração de muitos termos regionalistas e por exageros de expressão, repletos de figuras de linguagem, como metáfora, comparação e hipérbole (menos frequente) que geram efeitos de intensificação e explicitação, de forma recorrente provocando risos no narratário. O narrador cria vínculo de proximidade com o narratário por meio do regionalismo, também seduzindo-o pelo conhecimento erudito. Percebe-se isso por meio das abordagens do narrador ao espaço da cidade e às associações às imagens do campo e do regionalismo.

Na produção cronística analisada, o humor é fundamental, pois com este recurso o narrador faz tudo parecer mais leve e consegue efetuar todo o tipo de contestação sem incidir em uma narrativa enfadonha ou sisuda, sempre preservando o tom de “conversa fiada”, algo típico da crônica, conforme Cândido (1992). Aliás, Reverbel sempre insere alguma crítica em seus textos, nunca perdendo a oportunidade de emitir a sua opinião sobre algo que considera inadequado, parecendo querer defender os interesses da coletividade.

Pela análise narratológica percebe-se que Reverbel faz uso de ironia, recurso principalmente utilizado quando o narrador faz ponderações críticas e quer chamar a atenção para as mesmas de maneira indireta. Com isso, o narrador espera que seu narratário apresente um nível de instrução que permita a compreensão deste tipo de estratégia textual, para que o efeito pretendido seja satisfeito.

É possível identificar, também, que em diversas passagens, Carlos Reverbel exerce uma função modalizante, permitindo que o narratário conheça a emoção que o narrador sente ao contar a história. Assim, é possível conhecer alguns dos sentimentos de Carlos Reverbel, como a nostalgia que sente em relação a alguns acontecimentos passados ou seu descontentamento ao falar dos problemas que permeiam a cidade de Porto Alegre e o Estado gaúcho, por exemplo. O narrador também apresenta um

posicionamento opinativo contundente e direto, com muitas adjetivações. Carlos Reverbel preocupa-se em convencer o narratário sobre o que opina, investindo em uma argumentação consistente e valendo-se de referências que subsidiem e avalizem suas ponderações.

O narrador Reverbel assume função explicativa em diversas passagens das crônicas, objetivando situar o narratário sobre algo que precisa ser contextualizado para que haja pleno entendimento sobre o que fala. A função testemunhal é também verificada na produção cronística de Carlos Reverbel, já que o narrador quer demonstrar ao narratário que tem credibilidade para contar as histórias, pois de alguma forma as presenciou. Para isso, ele muitas vezes utiliza o discurso direto, com reprodução de falas de personagens e faz questão de explicitar a sua participação em muitos trechos das crônicas, expondo situações e personagens com descrições pormenorizadas. Também é possível notar que o narrador exerce função avaliativa, já que em algumas passagens faz julgamento acerca do relato ou das personagens. Complementarmente, verificou-se a função metanarrativa (de forma menos frequente), quando o autor alude à estrutura interna de seu texto.

Pode-se depreender que o leitor pretendido por Carlos Reverbel é alguém que domina as suas referências irônicas e que entende as referências regionais, como se pode perceber pela perspectiva do narratário a partir do narrador. Pela menção que Reverbel faz ao regionalismo e a espaços da cidade de Porto Alegre, é possível inferir que o leitor é um cidadão do Rio Grande do Sul, em alguns casos especificamente porto-alegrense. Este leitor é alguém que pode desenvolver o interesse pela literatura regional e que aprecia o tom de “conversa fiada” típico do gênero cronístico e presente nos textos de Carlos Reverbel. O narrador assume a postura de um sábio aconselhador, que quer chamar a atenção do narratário para algo que considera relevante à sua formação cultural. Em alguns momentos, o narrador se dirige à administração pública quando faz ponderações críticas, mas as abordagens são dirigidas majoritariamente ao cidadão gaúcho, com quem se comunica, supondo que ele também se depara com muitas das situações e dificuldades cotidianas diversas expostas nas crônicas, sentindo-se representado de alguma forma pelo narrador, que apresenta uma postura de defesa dos interesses coletivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia foram analisadas cinco crônicas de Reverbel, publicadas na *Folha da Tarde* (com assuntos distintos), selecionadas de janeiro a setembro de 1979, e que perfazem o *corpus* desta pesquisa. Foram identificadas figuras de narradores que apresentam características marcantes e similares entre si. Também foram verificados os perfis hipotéticos de narratários presentes nas crônicas. A partir da análise das estratégias textuais majoritariamente utilizadas, foi possível averiguar a relação estabelecida entre o narrador e o narratário.

Para identificar a figura do narrador presente nas crônicas de Carlos Reverbel foram construídos capítulos teóricos que ofereceram subsídios para a aplicação de análise de narrativa e consequente observação das estratégias textuais utilizadas pelo narrador para o estabelecimento de uma relação com o narratário.

Primeiramente, rememoramos algumas informações acerca da evolução conceitual do gênero crônica, ao qual pertencem os textos estudados neste trabalho. A partir do entendimento sobre as modificações pelas quais a narrativa cronística passou, evidenciamos a crônica como um gênero híbrido, que congrega elementos pertencentes ao jornalismo e à literatura, apresentando, pois, complexidade e independência estética devido às suas peculiaridades e por ser considerada um gênero tipicamente brasileiro. Em seguida, situamos a crônica especificamente na lógica do jornalismo opinativo e no espaço de coluna, onde estão inseridos os textos constitutivos do *corpus* de pesquisa. De forma complementar, pontuamos a função de mediação do cotidiano da cidade e da memória de um território da qual a narrativa cronística é detentora.

Também explanamos a perspectiva teórica sobre o narrador segundo Walter Benjamin (1985), no intuito de compreender o que caracteriza um narrador. Após estas considerações iniciais, discorreremos sobre a metodologia científica análise de narrativa, de acordo com Yves Reuter (2011). Nesta parte foram expostos alguns itens referentes à narração que guiaram a análise de narrativa das crônicas. Assim, elucidamos os conceitos de texto e não-texto; enunciado e enunciação; ficção e referente; autor e narrador; leitor e narratário; modos narrativos (*contar* e *mostrar*); funções do narrador (*comunicativa, metanarrativa, testemunhal, modalizante, avaliativa, explicativa, generalizante* ou *ideológica*); voz narrativa (*homodiegética* e *heterodiegética*); perspectiva narrativa (*não focalização, focalização interna fixa, focalização interna variável, focalização externa*).

Depois, abordamos o percurso profissional do jornalista Carlos Reverbel, buscando compreender quem foi este sujeito histórico. Foram expostas informações sobre as primeiras experiências profissionais do autor, sua inserção no *Correio do Povo*, na *Editora Globo*, na *Revista do Globo* e na *Revista Província de São Pedro*, bem como sua contribuição no desenvolvimento da biografia de Simões Lopes Neto e sua participação em *Zero Hora*. Além disso, explicitamos informações acerca da história e das características do jornal vespertino *Folha da Tarde*, veículo no qual foram publicadas as crônicas pertencentes ao *corpus* deste trabalho, assim como a atuação de Reverbel neste periódico.

Após a construção destas etapas, realizamos análise de narrativa, de acordo com teoria de Reuter (2011). A partir da aplicação metodológica foi possível verificar características similares que se destacaram nos narradores das crônicas. Em todos os textos há um narrador homodiegético, que é participante da história como personagem e que conta a diegese sob perspectiva focalizadora interna fixa, passando, dessa forma, pela visão do narrador-personagem. Reverbel não se limita às circunstâncias, frequentemente evocando a memória e valorizando o passado, uma marca importante de sua narrativa. Ele assume recorrentemente a postura de um sábio aconselhador, que quer contribuir para a formação intelectual de quem lê a crônica, apresentando clara função comunicativa.

O narrador apresenta um modo de comunicação próximo à oralidade e faz uso de muitas figuras de linguagem que geram efeitos de intensificação e explicitação na narrativa, comumente provocando o riso no narratário. É preciso pontuar que Reverbel faz muitas críticas em seus textos, parecendo sempre defender os interesses da coletividade. A opinião é uma marca importante do narrador, que investe em uma argumentação consistente, objetiva e adjetivada para convencer o narratário sobre seu posicionamento, utilizando-se de referências diversas que avalizam o que pondera. O humor e a ironia são também estratégias narrativas que se destacam na produção cronística de Reverbel, impelindo o narratário à leitura de outras crônicas. O narrador também seduz o narratário pelo vínculo de proximidade criado pela abordagem do regionalismo e também por seu conhecimento erudito.

O narrador Carlos Reverbel exerce função modalizante, sendo possível identificar algumas de suas emoções ao contar o relato. Além disso, percebe-se uma função explicativa, já que o narrador contextualiza o que fala, elucidando o narratário. Nota-se, também, que Reverbel assume função testemunhal, já que se preocupa em

demonstrar que efetivamente vivenciou determinadas ocorrências e que tem propriedade para falar sobre elas. De forma complementar, verifica-se que o narrador exerce uma função avaliativa, apresentando julgamentos a respeito da história que narra ou sobre as personagens.

Este trabalho monográfico contribui para as discussões a respeito de estratégias narrativas em textos cronísticos, que problematizam e propõem a reflexão sobre fatos do cotidiano e que promovem o estabelecimento de um vínculo entre narrador e narratário. A presente produção atentou para o trabalho desenvolvido por Carlos Reverbel, no vespertino *Folha da Tarde*, que marcou a imprensa rio-grandense. O tema deste trabalho é bastante profícuo e pode ser desdobrado em outras produções, aprofundando o estudo da contribuição do jornalista Carlos Reverbel para a qualidade da crônica brasileira.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: Obras escolhidas ____col. “Os pensadores”. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BONES, Elmar; LAITANO, Cláudia (org.). *Carlos Reverbél: textos escolhidos*. Porto Alegre: JÁ Editores, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In _____. et.al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém, Portugal: Jortejo, 1998.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971, p. 105-128.

GALVANI, Walter. *Olha a Folha: amor, traição e morte de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. In: *Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências*. São Paulo: Miró, 2009.

LAITANO, Cláudia. *Carlos Reverbél: temas e personagens*. Porto Alegre, 1992.

LAITANO, Cláudia; REVERBEL, Carlos. *Arca de Blau: memórias*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. rev. ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: Cláudia Lago; Márcia Benetti (org.). *Metodologia da pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra, 2004.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2004.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

REVERBEL, Carlos. *Rememorações*. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 4, 5 de janeiro de 1979.

REVERBEL, Carlos. *A cidade no verão*. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 4, 8 de janeiro de 1979.

REVERBEL, Carlos. *O gigolô do boi*. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 4, 9 de maio de 1979.

REVERBEL, Carlos. *Um inglês e o trem*. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 4, 11 de maio de 1979.

REVERBEL, Carlos. *Gente de Quaraí*. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 4, 28 de setembro de 1979.

REVERBEL, Carlos. *Saudações Aftosas*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1980.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

SANSEVERINO, Antônio. *Entre o arcaico e o moderno: a crônica de Machado de Assis e João do Rio*. In: *Conexão (Caxias do Sul)*, Caxias do Sul-RS, v.1, n. 2, 2002.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo, RS: Editora Universitária, 2004.

ANEXO A – Rememranças (05.01.1979)

Folha da Tarde

FUNDADA EM 27 DE ABRIL DE 1936

DIRETOR DIRETOR GERENTE
Manoel A. Albuquerque Edmundo F. Soares Alcides O. Gomes

A "invasão dos gaúchos"

Num amplo trabalho que acaba de ser publicado por órgão da imprensa paulista afirma-se que os agricultores gaúchos estão mudando por completo o panorama social e econômico de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Milhares de agricultores, ao longo dos últimos anos, dirigem-se para aqueles dois Estados e tanto no Sul como no Norte a população está crescendo mais de 10 por cento ao ano e, em cinco anos, as áreas de agricultura aumentaram de 697 mil hectares para 2,2 milhões de hectares, o que representa um incremento da ordem de 30% ao ano. Grandes lavouras estão sendo plantadas em terras que sempre estiveram abandonadas ou serviam apenas para uma pecuária rudimentar. Em consequência, novas cidades estão nascendo e crescendo "com a rapidez de cogumelos, nos cerrados e nas selvas". Afirma-se que o ritmo de crescimento dessas fronteiras agrícolas garante que os dois Estados estarão entre os dez primeiros do País, antes do fim da década de 1980. De acordo ainda com o estudo divulgado, toda a influência paulista e carioca tende a ser neutralizada nos próximos anos devido à "invasão dos gaúchos". A migração de agricultores do Rio Grande do Sul para Mato Grosso incrementou-se de maneira inusitada nos últimos 10 anos. Tangidos pelo problema dos minifúndios, os gaúchos encontram nas terras baratas e férteis de Mato Grosso a solução para continuar vivendo da agricultura. Com o dinheiro da venda de um sítio de cinco ou dez hectares no Rio Grande do Sul, comprava-se uma fazenda de 500 hectares em Mato Grosso. Assim é que a "invasão" começou por volta de 1965, na região de Dourados e Ponta Porã, que já era servida de estradas de ferro e de rodagem. E, em pouco tempo, ela se alastrou por todo o Estado, a ponto de ninguém saber exatamente quantos milhares de gaúchos vivem hoje em Mato Grosso. O resultado disso foi que a agricultura superou a pecuária e Mato Grosso se converteu no segundo produtor brasileiro de arroz, logo abaixo do Rio Grande do Sul. Deve-se acrescentar, ainda, que isso que ocorre em relação a Mato Grosso também acontece noutros Estados. Na cidade de Toledo, por exemplo, no Paraná, mais de 90 por cento da população é constituída de gaúchos. As migrações que se fazem do Rio Grande do Sul para Mato Grosso têm características bem definidas: é uma população com capacidade empresarial, tipicamente rural, que foge de terras cansadas e da pequena propriedade para novas áreas, onde desenvolverá atividades agrícolas. As pesquisas feitas têm revelado que mais de 65 por cento dos migrantes são homens do campo com idade inferior a 30 anos, que migram acompanhados da mulher e filhos. Os mais idosos, que já alcançaram os benefícios da previdência social rural geralmente permanecem. Muitos entendem que isso poderá gerar um despovoamento da população ou de mão-de-obra mais ativa no meio rural. É um fato lisonjeiro para nós que frentes pioneiras gaúchas estejam contribuindo para o desenvolvimento de outras regiões do País. Mas, por outro lado, a perda que o Estado vem sofrendo de grandes contingentes populacionais deve ser analisada pelo Poder Público. Há nada menos de cinquenta municípios gaúchos considerados área de expulsão e o maior número deles está localizado nas microrregiões coloniais. A situação está a exigir medidas que neutralizem essa corrida para os centros urbanos e para outros Estados.

5 DE JANEIRO DE 1979

Rememranças | Carlos Reverbel

Guardada a distância devida ao seu gênio literário, talvez já me encontre na situação em que se colocava Alcides Maya, quando dizia "não passar de um velho jornalista, com espaço franqueado para publicação de suas lembranças".

Há palavras que me fazem evocar o velho Alcides, acreditando aconteça o mesmo com aqueles que leram seus livros e o conheceram de perto. Em geral, as palavras são como gado orelhano, não têm dono. Mas o velho Alcides se adonava de certas palavras, sentando-lhes a marca de sua fazenda. Por exemplo: esta palavra lembrança. No vocabulário alcidiano, ganhava singular expressão, como se fosse sua criola de marca e sinal.

Li outro dia nos jornais a notícia de que foi apresentada uma dissertação de mestrado sobre a obra de Darci Azambuja. Então me ocorreram algumas "lembranças" ligadas ao saudoso escritor, na sua feição humana, como pessoa.

Certa vez, entrando numa fila de cinema, estavam colocados na minha frente Darci Azambuja e sua esposa, a querida dona Maria. Na época, ele ocupava o cargo de Secretário do Interior, no exercício da Presidência do Estado. E apesar da alta investidura, ali se encontrava, pegando o seu cineminha, como qualquer cidadão comum. Depois da sessão do Cinema Rex, foi tomar chá na Confeitaria Central, recolhendo-se a pé para sua residência, uma casa modesta na Rua Jerônimo Coelho.

Recém-chegado de Encruzilhada, para ingressar na Faculdade de Direito, o futuro autor de "No Galpão" (um clássico do nosso regionalismo literário) foi trabalhar como caixeiro na Casa Bromberg, pois sua família era apenas remediada, com poucos recursos para custear seus estudos na Capital. Tendo tirado, ainda como caixeiro, o primeiro lugar num concurso de contos, foi convidado a trabalhar na "Federação", começando, assim, a sua carreira de jornalista. Terminou-a como diretor do "Jornal da Manhã", sucedendo a Fernando Caldas, fundador do referido órgão.

Passados alguns anos, convidaram-no para editoralista do "Correio do Povo", em substituição a Edgar Schneider, que fora eleito deputado federal, fixando-se no Rio. Disse-me que aceitaria o convite, mas pediria prazo de alguns dias para iniciar o trabalho. Nesse meio tempo, mandou me chamar: "Quero que

me acompanhes na visita que vou fazer ao dr. Breno, para agradecer-lhe a distinção e dizer-lhe que fiquei honrado mas não posso aceitar". E me segredou o verdadeiro motivo de sua desistência: "Se for trabalhar no jornal, perco os três meses de férias na Faculdade...".

Esses três meses ele os vivia numa pequena casa em Ipanema, trocando-a, mais tarde, por um apartamento em Torres, situado num bloco que recebeu o apelido de Vila do IAPI, o que bem traduz a modéstia da construção. Fomos condôminos nesse edifício. E então pude frequentá-lo diariamente, admirando a simplicidade de sua vida e de suas maneiras e, sobretudo, o seu relacionamento com a esposa. Eram duas pessoas num só coração. De temperamentos tão diferentes, nem isto feria o convívio harmonioso, a delicadeza e a doçura do casal, no aconchego da mútua dedicação.

Homem de alto nível intelectual, com uma obra literária e uma posição universitária eminentes, Darci Azambuja apresentava traços, na sua modéstia e singeleza, de algumas de suas personagens, aquelas em que se reflete a alma simples da boa gente camponesa. Tomador de mate amargo e pitador de fumo crioulo, parecia um chiru gaúcho. E ia cedo para a praia, dando uma esticada até o Mampituba, para conversar com os pescadores, cujos costumes procurava conhecer.

Contrariamente ao que em geral se verifica entre escritores, não promovia a sua carreira, nem preparava a sua glória. Uma vez desencavei, em velho almanaque da Livraria do Globo, um de seus melhores contos, reproduzindo-o na "Província de São Pedro". Ele não se lembrava de tê-lo escrito e publicado, mostrando-se muito grato pela minha "descoberta". E outra vez, estando em minha casa, de visita, ficou meio perplexo pelo fato de eu colecionar, em duplicatas, as primeiras edições de seus livros. Ele não conservava nenhuma.

As poucas vezes em que saiu do Rio Grande foi para integrar bancas examinadoras em concursos para a cátedra superior, em outros Estados. A província lhe bastava, embora nada tivesse de provinciano.

Refugiava-se em sua casa, fechando-lhe as portas ao mundanismo e às exteriorizações da vida literária. E tendo sentimentos religiosos, não precisava ir à igreja, pois a levava dentro da alma.

Uma luzinha. Uma estrela? | Vicente Lopez, da AP

"Há uma luzinha que se cresce, e espero que se converta em estrela." Assim definiu o cardeal Antônio Samore a marcha de suas gestões de "bons ofícios" antes os governos da Argentina e Chile, em busca de uma solução para o pleito fronteiriço na zona do Canal de Beagle. Assim, o cardeal Samore, como emissário do Papa João Paulo II, constitui momentaneamente a figura central da controvérsia. De físico médio e que os seus 73 anos, ele sabe expressar-se num espanhol correto e isso lhe tem valido a admiração do público.

Como não podia deixar de acontecer ao chegar a 29 de dezembro como mediador, manifestou sua confiança na paz e em afastar o fantasma da guerra. Na ocasião, um enfrentamento armado parecia

iminente. A pronta ação da Santa Sé paralizou os dois governos, que haviam concordado em pedir a intervenção do Pontífice, porém sem por-se de acordo quanto ao alcance dessa intervenção. Trabalhador incansável, com o azeite espanhol e um jesuíta, ele cruzou em duas ocasiões a Cordilheira dos Andes para conhecer a fundo as diferentes posições.

O que de mais concreto obteve até agora foi, na verdade, aliviar a tensão na zona sul e nos 4.500 km da fronteira sulina. E os observadores já começam a admitir a possibilidade de um novo diálogo entre os dois governos, o-lhada que também é partilhada pelo cardeal Samore. Entra-se, assim, na 2ª etapa das negociações, certamente mais difícil — como afirma o emissário papal — do que a

anterior. De qualquer modo, parece que Samore vai conseguindo vencer a intransigência das duas partes, submetidas a pressões políticas e jurídicas.

A Argentina rechaçara o laudo arbitral da Corte Britânica, que dera ao Chile três ilhas no Canal de Beagle e, em consequência, uma virtual extensão ao Oceano Atlântico, alegando a vigência de acordos bilaterais anteriores. O cardeal, sabedor disso, procurou levar a questão para "um plano espiritual" e parecia, a 2 do corrente, tê-lo conseguido. A instância definitiva talvez esteja agora mais próxima, apesar da mobilização militar verificada nos dois países. A incidência, é certo, ainda permanecerá, mas muita gente já sonha o céu na esperança de que apareça, finalmente, a "estrela" a que aludia o Emissário Papal.

ANEXO B – A cidade no verão (08.01.1979)

Folha da Tarde

FUNDADA EM 27 DE ABRIL DE 1936

DIRETOR

DIRETOR

GERENTE

Mansel A. Albuquerque Edmundo F. Soares Alcides O. Gomes

Importação de supérfluos

O prazo que proibia as importações de artigos tidos como supérfluos expirou no dia 31 de dezembro último. E imediatamente foi prorrogado, até fins de janeiro, de modo que, por enquanto, não houve qualquer alteração sobre a matéria. Em se tratando de artigos realmente supérfluos, a sua importação não deve ser permitida em tempo algum, sendo ainda mais fortes os motivos para isso numa situação como a que vive o País, presentemente, registrando acentuado déficit na sua balança comercial. Ainda não foram dados a conhecer os números correspondentes a esse déficit, mas é fora de dúvida que as estimativas que os situavam em torno de 700 milhões de dólares serão superadas, sendo possível que ultrapassem a casa de um bilhão de dólares. Como as trocas internacionais se processam, de modo geral, atendendo a interesses bilaterais, muitas vezes, ao serem firmados os respectivos acordos, devem ser feitas determinadas concessões, recebendo-se, então, em troca de vendas efetivadas, produtos dispensáveis, quando não supérfluos. Dadas as circunstâncias que atravessamos, em termos de comércio exterior, até esses casos devem ser evitados e se a nossa balança comercial já era deficitária antes do aumento de 14,5 por cento, imposto pelos países da OPEP aos preços do petróleo, as dificuldades que teremos, no ano em curso, para conseguir o desejável equilíbrio, serão ainda maiores. Não se pode, entretanto, deixar de reconhecer que, não tendo havido perdas nas safras dos produtos agrícolas de exportação, como ocorreu no ano passado, contaremos com um handicap favorável para o aumento de nossas vendas externas, em 1979. E isto deverá acontecer, sobretudo, em razão do apreciável aumento verificado na produção da lavoura de soja, notadamente no Rio Grande do Sul e no Paraná. Espera-se que a colheita de soja na safra 1978/79 atinja a pouco mais de 14 milhões de toneladas, com disponibilidades exportáveis capazes de cobrir o ônus decorrente do aumento do preço do petróleo ou, talvez, de superá-lo por boa margem. A prorrogação, por apenas um mês, do ato que proíbe as importações de produtos tidos como supérfluos está a indicar que talvez ocorram, proximamente, mudanças em relação ao assunto. E já se adianta que essas mudanças, caso venham a efetivar-se, serão processadas de forma gradativa, a fim de que a indústria nacional possa acautelar-se em face da concorrência dos produtos estrangeiros. Nestas condições, os chamados supérfluos seriam agrupados em categorias, cada uma delas tendo data pré-estabelecida para poder entrar no País. Resta saber se o comportamento de nossas exportações, no ano em curso, permitirá a ampliação de nossas compras externas, o que é muito problemático, sobretudo se levamos em conta a circunstância de que se trata de produtos tidos como supérfluos. Talvez o mais prudente fosse manter-se o atual "status quo", deixando-se o critério da nova administração alterá-lo ou não. Sobrecarregar a nossa balança comercial, na situação em que ela se encontra, passando por sério desequilíbrio, logo com produtos considerados oficialmente como supérfluos, parece não ser de boa política, pelo menos enquanto o quadro do nosso comércio exterior continuar num regime acentuadamente deficitário. Ou então houve impropriedade de linguagem no ato proibitório, e os produtos que estavam impedidos de entrar no País indevidamente taxados de supérfluos.

8 DE JANEIRO DE 1979

A cidade no verão

Carlos Reverbel

Há pessoas (entre as quais me incluo) que amam Porto Alegre somente em janeiro e fevereiro. Não sei se o fenômeno ocorre em outros lugares, mas é evidente que a nossa cidade melhora na medida de seu esvaziamento. E isto se deve, em grande parte, à praia de Tramandaí, motivo pelo qual lhe seremos eternamente gratos. Talvez o prefeito Guilherme Villela não tenha incluído Tramandaí nos seus dispositivos de humanização da cidade, mas devo reconhecer que nada vem funcionando melhor, nesse sentido, do que a trêfega e simpática praia.

O clima não ajuda, mas são tantas as compensações de outra natureza que até o calorão senegalesco se torna agradável. Aliás, o clima de Porto Alegre, nos bem-aventurados meses de janeiro e fevereiro (quando metade da população desaparece), só não é o pior do Brasil porque temos coisa parecida em Manaus e Belém do Pará. E um calor em que não adianta ficar dentro de casa, ir para debaixo duma árvore ou mergulhar numa piscina.

Sob outros aspectos, Porto Alegre está ficando parecida com a Bahia. Não posso garantir se o processo terá continuidade, invadindo outras áreas da cidade, mas a Praça XV e a Praça Parobé lembram cada vez mais a Bahia. Faia-se em mercado persa. Não, o mercado não é persa, é baiano. Gostaria que meu velho e prezado amigo Norival Paranaguá de Andrade inspecionasse o local e me fornecesse um parecer a respeito, como filho da Boa Terra.

Talvez essa parecença com a Bahia venha concorrer para que Porto Alegre se torne uma cidade melhor o ano todo, não apenas em janeiro e fevereiro. A minha prevenção contra o antigo Porto dos Casais é de tais proporções que custei a descobrir que tudo melhora no verão, com a providencial ausência de cerca de metade da população, o que confirma a teoria de que o maior defeito de Porto Alegre não é outro senão o próprio porto-alegrense.

Aliás, a descoberta não é minha, mas da lavra de Ivete Brandalise. Só depois que a brilhante colunista chamou atenção para o estranho fenômeno, aprovando-o com a sua costumeira inteligência, foi que me dei conta de sua existência, passando a usufruí-lo, como se fosse de minha autoria. Desde então jamais ardeei pé de Porto Alegre nos meses de calor. E quanto maior for a canícula, tanto melhor, pois a fuga da população (em geral para Tramandaí, a benemerita), aumenta na razão direta da alta da temperatura, tornando-se ideal a partir dos 30 graus à sombra.

Embora seja autora da descoberta, Ivete Brandalise não a tem usado em seu próprio benefício, contentando-se, generosamente, em oferecê-la aos seus leitores (entre os quais me incluo). Além de veranear em Torres, a esfuziante comunista costuma comparecer ao Festival de Cinema de Gramado, o que não deixa de ser uma temeridade, em vista da conflagração ambiental.

Se Porto Alegre fica melhor no verão, por causa do êxodo da população, a época mais indicada, para se tomar ares em Gramado, é a estação invernal, por causa da redução do afluxo turístico. O turista, quando se apresenta em vagas avassaladoras, satura qualquer cidade (mesmo Paris), tornando-a difícil de ser aturada pelos naturais do lugar. Talvez seja por isto que o parisiense não pode enxergar turista, ficando possuído de desabalado apetite antropofágico se for obrigado a atendê-lo, por dever de ofício. Então, não podendo devorá-lo de uma assentada, passa a comê-lo por uma perna, ou melhor, pela carteira.

A gorjeta, essa deslavada invenção francesa, já vem incluída na nota dos restaurantes e similares, na proporção de 15 por cento. Deixa, assim, de ser considerada como gorjeta, passando a fazer parte da despesa. E se o freguês não pagar, por fora, uma nova gorjeta, leva no mínimo uma cadeira. Por causa da gorjeta, na base de 15 por cento, e seu adicional, em geral mais 5 por cento, em Paris o garçon ganha mais que o dono do restaurante. E assim fica explicado o motivo pelo qual essa é a única categoria profissional que nunca entra em greve, deixando de aderir ao popular esporte, sem dúvida o mais praticado naquele país.

Nos "pubs" de Londres não há nada disso. O sujeito vai ao balcão, faz o pedido, paga a despesa (não se aceita gorjeta) e vela ele próprio a bebida ou a comida para uma mesa à sua escolha, se não quiser ingeri-la ou degluti-la de pé, junto ao balcão, repetindo a operação tantas vezes quanto lhe apetecer. Tendo simpatizado com o sistema e, principalmente, com a cerveja Guinness (cor de jambo, como a Júlia Matos), certa vez repeti toda uma tarde a mesma operação, estando assim bastante autorizado para recomendá-la aos adeptos do popular "self-service".

O vaivém entre o balcão e a mesa faz bem para as coronárias, compensando eventuais estragos em outras regiões anatómicas e respectivos órgãos.

A Itália em pânico

Bonnie Tucker, da AP

Numa atmosfera já por si tensa, em face da sucessão de ataques contra políticos, homens de negócios e policiais, os nervos dos Italianos são submetidos, agora, a uma prova mais severa ainda, com a recente proliferação de "mitomaniacos" e assaltos dirigidos principalmente contra a propriedade. Nos últimos meses, o alvo desses ataques tem sido de sedes de partidos políticos, redações de jornais e lojas de propriedade de indivíduos cujas atividades comerciais ou simpatias políticas desagradam aos terroristas.

Até aqui, os atentados a dinamite contra edifícios, casas de família e veículos têm sido em pequena escala e não causaram vítimas, apenas alguns danos e momentos de pânico. A proliferação de mitomaniacos, contudo, são chamadas as pessoas com uma tendência anormal de mentir ou exagerar, que procuram desta forma aterrorizar ou extorquir dinheiro através de chamadas telefônicas, nas quais afirmam ser terroristas, foi particularmente perceptível nos últimos dias de 1978 e nas festividades do ano novo.

Eduardo di Giovanni, um advogado que tem defendido supostos membros da Briga-

das Vermelhas, disse que a mitomania generalizada é consequência de uma reação psicológica coletiva. Observou, a propósito, que a maioria dos mitomaniacos prefere auto-identificar-se como pertencendo à Brigada Vermelha, um nome que na Itália é sinônimo de luta armada, como o é a marca Fiat para os automóveis.

Em sua mensagem de Ano Novo, difundida pela televisão, o presidente Sandro Pertini manifestou sua preocupação pela tendência, cada vez mais pronunciada, dos jovens em buscar soluções violentas para toda a injustiça, real ou imaginária, e os exortou a "armar a alma, não a mão". Um total de 23 pessoas, entre elas o ex-primeiro-ministro Aldo Moro, foram mortas a tiros no ano passado, por diferentes grupos terroristas.

Na noite de fim de ano, os terroristas detonaram bombas numa rua e numa cabine telefônica de Roma e puseram fogo no sede do Partido Democrata Cristão e num restaurante. Não houve vítimas. Um mitomaniaco por sua vez, avisou que uma bomba seria lançada no salão dos congressos, e os "Novos Guerrilheiros" se responsabilizaram pelo ataque desferido contra jovens direitistas na semana anterior.

ANEXO C - O gigolô do boi (09.05.1979)

Folha da Tarde

FUNDADA EM 27 DE ABRIL DE 1934

DIRETOR

DIRETOR

GERENTE

Manoel A. Albuquerque Edmundo F. Soares Alcides O. Gomes

Assistência creditícia

A resolução n.º 493 do Banco Central, baixada a 19 de outubro de 1978, ainda no governo anterior, foi coincidir com os propósitos da atual administração federal, na parte em que foram estabelecidas as prioridades para o setor agropastoril. Por este motivo, o referido instrumento legal será levado à prática imediatamente. Trata-se de promover "assistência creditícia a pequenos produtores rurais, cuja atividade se desenvolva em municípios onde o crédito especializado se revele insuficiente". Para a aplicação desses recursos, foram criados postos avançados de crédito rural, destinando-se 66 unidades para o Rio Grande do Sul. A iniciativa não poderia ter surgido em momento mais necessário e oportuno, mas os seus resultados vão depender, fundamentalmente, dos critérios com que será distribuída a nova faixa de crédito rural e, sobretudo, da operacionalidade do sistema. Ninguém mais carente e merecedor de crédito do que o pequeno produtor, mesmo porque, de um modo geral, sempre esteve marginalizado nesse terreno. E justamente por isto os recursos que lhe forem destinados não podem deixar de serem cercados de atenções especiais, por parte da instituição que vai financiá-lo. O principal, no caso, não se limita à concessão do financiamento, mas no estabelecimento de condições que possibilitem o bom uso do crédito. Atendidas estas circunstâncias, os altos objetivos da portaria n.º 493 serão alcançados. E é preciso que isto aconteça, pois a contribuição dos pequenos produtores rurais torna-se indispensável para o êxito de qualquer programa que tenha em vista o aumento da produção agrícola no País. A situação do Rio Grande, nesse contexto, é das mais ilustrativas. Temos cerca de 500 mil propriedades rurais, das quais 400 mil são de pequeno porte, ocupando 80 por cento da estrutura fundiária do Estado. Nestas condições, não se pode esperar resposta favorável ao apelo das autoridades, no sentido de que se venha a produzir mais, sem levar-se até os pequenos agricultores os recursos de que eles são carentes, sobretudo na área creditícia. Sabe-se, por outro lado, que boa parte das 400 mil propriedades rurais de pequeno porte existentes no Estado estão fora do processo econômico, em razão de sua condição minifundiária tê-las tornado improdutivas. Evidentemente, precisamos reintegrá-las na economia agrícola do Estado, não só por motivos sociais, de valorização do homem que dela depende, como porque elas podem contribuir para alcançar-se os objetivos gerais de aumento da produção, sobretudo no que diz respeito a alimentos básicos. A condição minifundiária não exclui, por si só, a viabilidade econômica de uma propriedade rural, pois diversas são as opções que permitem o seu aproveitamento. A produção de hortigranjeiros, certamente a que oferece maior rentabilidade em relação à área cultivada, pode ser feita em poucos hectares de terra, caracterizando-se, em toda parte, como a mais adequada para pequenas propriedades, sem exclusão das de proporções minifundiárias. Os postos avançados de crédito rural, nas bases em que foram estabelecidos, podem contribuir para que se inaugure, o quanto antes, a era de abundância de alimentos, que tanto vem se fazendo sentir nos últimos anos. Mas tudo vai depender da boa aplicação dos recursos a serem liberados, pois também vão recebê-los pessoas inexperientes no manejo do crédito rural. E que precisarão, por isso mesmo, de assistência.

O gigolô do boi

Carlos Reverbel

A "belle époque" da carne bovina está com os dias contados. Vamos entrar, por causa disso, numa fase de aristocratização do boi, com uma série de mudanças de hábitos. Mais cedo ou mais tarde, isto teria de acontecer. Nos tempos do povoamento, aproveitava-se do boi apenas o couro. A carne era entregue ao banquete dos corvos. Depois veio a época do sebo, com a carne ainda em segundo plano. Afinal, vieram as charqueadas, tendo começado, com esses estabelecimentos, o ciclo econômico da carne bovina no Rio Grande do Sul.

Então se dizia do fazendeiro que ela era gigolô do boi. Talvez tenha sido, não é de duvidar. Mas tanto falaram e tanto fizeram, sempre mandando contra, que o fazendeiro, encalistrado, abandonou a sua gigolagem. Foi plantar soja. E o rebanho começou a diminuir. E a carne começou a subir. E agora estamos com dois espetos atravessados na garganta: a escassez e a carestia.

Já começaram as saudades dos bons tempos da carne barata, quando o fazendeiro era gigolô do boi, em geral com desaprovção de gregos, troianos e outros demagogos. Ninguém reconhecia que, graças a essa gigolagem, a carne bovina era vendida a preço de banana, servindo, democraticamente, de alimento para o clero, a nobreza e o povo. Gente rica, como o americano, comia carne duas vezes por semana, e olhe lá. Mas nós, com toda nossa pobreza, podíamos nos dar ao luxo de devorá-la diariamente. Para manter essa dieta carnívora, bastava o freguês ser de condição remediada, mesmo pendendo para o pobretão. Foi a longa e dadivosa "belle époque" da carne bovina no Rio Grande do Sul, outrora pecuaríssimo, segundo o poeta Tirteu da Rocha Viana.

Eu pretendia ser o futurólogo desta antecipação, mas chego meio tarde: alguém já disse que as churras-carrias vão desaparecer. Ou melhor, terão de mudar completamente de rebolado, acabando com as saturnais de carne em que tanto caprichavam, causando espanto aos europeus que nos visitavam.

O espanto era geral, atingindo ingleses, alemães, italianos, noruegueses, suíços, suecos, franceses e caterva. Ninguém entendia essas canibalescas orgias, tendo como repasto, a preços de liquidação, a mais nobre e mais valiosa proteína de origem animal. Um francês, por mim levado certa vez a uma dessas bacanais de carne bovina, ficou indignado, em lugar de agradecer pelo churrasco. E levou todo tempo a me indagar: onde está a lógica? A lógica? A lógica? Mas nem por isto o cultor de Monsieur René du Perron Descartes deixou de atender robusta picanha, rebatendo-a com um costilhar, d'isso de engraxar o bigode do Paixão Córtes.

Com o desaparecimento do gigolô do boi, que era o fazendeiro tradicional, criador em regime extensivo e a custos baixos, os campos foram se despovoando, ajudados por uma política de estrangulamento do setor, adotada a pretexto de proteger o consumidor. Então, veio a escassez do gado, deixando o consumidor no matto sem cachorro. E, com a escassez, veio o encarecimento do produto.

Agora, se quisermos aumentar o rebanho e sua produtividade, teremos de passar para o regime de criação intensiva, cujos custos, por serem muito elevados, farão com que jamais voltemos a ter carne barata. Os preços do produto irão parar no palamar do mercado internacional, o que não será novidade, pois já estamos comendo carne estrangeira, importada a preço de dólar.

Li há tempos um estudo da FAO, mostrando que os povos de baixo poder aquisitivo (como o nosso) só podem obter carne a preços acessíveis no regime de criação extensiva. Ao mudarem de regime, passando para o intensivo, teriam de pagar pelo produto, de acordo com as cotações internacionais.

Estamos entrando nessa dança e parece que dela não sairemos mais. Não sendo nababo, nem tendo mordomia, o consumidor vai ter de agüentar o mau par, no osso do peito.

Tóquio, onde a vida é mais cara | Alvin Webb, da UPI

Se o seu sobrenome é Rockefeller ou Rothschild, você pode dar-se ao luxo de morar em Tóquio ou em Genebra. Para o resto de nós, mortais comuns, sempre há o consolo de emigrar para a Jamaica ou Sri Lanka. Segundo um relatório publicado pelas Nações Unidas, Tóquio é, de longe, a capital com a vida mais cara do mundo, com os preços sendo aproximadamente o dobro dos registrados em Brasília e no Rio de Janeiro, as duas cidades brasileiras incluídas na pesquisa. No fim da lista, como capital mais barata do mundo, está Colombo, capital de Sri Lanka, uma ilha na ponta sul da Índia. Colombo tem o inconveniente de mau tempo: a média de dias de chuva é de 153 por ano.

Os dados constam do boletim mensal de estatísticas das Nações Unidas e se baseiam nos taxas de câmbio de dezembro do ano passado. Dá um índice 100 a Nova York e relaciona outras cidades do mundo com este índice. Brasília e Rio de

Janeiro têm um índice de 102, bastante semelhante ao de Nova York. Tóquio, em primeiro lugar, tem um índice de 199. Segue-se Kinshasa, no Zaire, com 187; Genebra, na Suíça, com 163; e Kampala, em Uganda, com 152. Completam a lista dos 10 mais: Bruxelas, com 150; Bonn, com 148; Bahrain, no Golfo Pérsico, com 147; Copenhagen, com 146; Harare, no Império Centro-Africano, com 145; e Buenos Aires e Haia, empatados em décimo lugar, com 143.

A cidade incluída na pesquisa com a vida mais barata é Colombo, com o índice de 59. Seguem-se Kingston, na Jamaica, com 61; Balmopan, em Belize, com 63. Lima é a capital mais barata da América do Sul e está em quarto lugar, com 72. No quinto lugar, há um empate entre Varsóvia, Maseru (capital de Lesoto), Valletta (capital de Malta) e Maputo (a antiga Lourenço Marques, capital de Moçambique), com 73. Pocham, na lista das 10 menos, o Cairo e Catmandu, com 75.

O relatório da ONU informa que sua pesquisa se

baseia no custo de vida de seus funcionários. A população local, com costumes diferentes, pode viver com menos — ou com mais. Portanto, dá uma indicação principalmente para um estrangeiro que queira viver nessas cidades. Em termos gerais, a Europa Ocidental é mais cara que o Brasil. Até mesmo Londres, com índice de 105, tem um custo de vida mais alto do que o de Brasília. A única exceção é Roma, com o índice de 92.

Os países comunistas são mais baratos. O índice de Havana é de 82, de Bucareste é de 88, de Vientiane é de 79 e de Belgrado é de 59. A única exceção é Budapeste, com 104. Moscou e Pequim não constam da lista. Dentro de América do Sul, Brasília está no meio termo. O custo de vida é menor do que em Buenos Aires, com 143 e do que em Caracas, com 122, mas maior do que em La Paz, com 91. Santiago, com 87; Bogotá, com 84; Quito, com 86; Georgetown, com 82; Assunção, com 86; Lima, com 73; e Montevideo, com 80.

ANEXO D – Um inglês e o trem (11.05.1979)

Folha da Tarde

FUNDADA EM 27 DE ABRIL DE 1936

DIRETOR
Manoel A. AlbuquerqueDIRETOR
Edmundo F. SoaresGERENTE
Alcides O. Gomes

Momento de reflexão

Mais de uma centena de greves em 55 dias de Governo. Ontem à noite, através de cadeia nacional de rádio e televisão, o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, citou este dado para manifestar a gravidade da situação atual, no que diz respeito à proliferação de greves. Macedo, no que disse ser uma conversa com os trabalhadores, com os "amigos trabalhadores", denunciou ainda o trabalho de elementos estranhos à classe trabalhadora na articulação das greves e mostrou toda a legislação que, ao mesmo tempo em que permite a greve, situa este procedimento como o último de uma pirâmide que prevê, inclusive, a participação da classe por votação direta e não na base da aclamação. O pronunciamento do Ministro do Trabalho, feito com ponderação, com apresentação de argumentos, serviu para mostrar claramente a preocupação do Governo para com o assunto e, também, mostrou qual o caminho que será seguido daqui para a frente. O Ministro não ameaçou, não levantou em momento algum seu tom de voz, mas ficou claro, no pronunciamento de 16 minutos, que o Governo Federal, passada a fase de acomodação, passará a agir de acordo com a lei, aceitando a greve somente como recurso extremo e não tolerando paralisação em setores essenciais, conforme a lei prevê. A manifestação do Ministro, denunciando a ação da "convergência socialista" na articulação dos movimentos grevistas das mais diversas classes, foi outro ponto importante do pronunciamento, já que mostrou que o Governo já sabe da existência de elementos estranhos coordenando movimentos grevistas, criando centrais de greve acima dos sindicatos e articulando piquetes, que não permitam o trabalho àqueles que não aderem aos movimentos e vão até a pressões psicológicas sobre as famílias dos que querem trabalhar. Assim a fala do Ministro foi clara e situou perfeitamente o problema na atual conjuntura brasileira. De um lado, o Governo aceita as greves como ponto final de negociações e por outro não vai mais tolerar os movimentos surgidos, tendo por base aspectos de natureza política ou que visem única e exclusivamente ao tumulto ou à pressão. O trabalhador brasileiro, ficou claro, tem o direito (e até o dever) de reivindicar melhores condições de salários e de vida, mas o Governo, sob pena de um mal maior, não pode permitir que a greve descambe para a agitação, para a exploração da massa trabalhadora e para a solidificação de princípios que não são os da maioria. Assim, a partir da manifestação de ontem do Ministro, cabe aos sindicatos uma parcela maior ainda de responsabilidade, já que deverão, mais do que nunca, pautarem suas decisões pela voz da maioria e não apenas pelas daqueles que gritam mais ou que movidos por outros interesses mais se movimentam e mais atuam. A partir da manifestação de Murilo Macedo, as decisões deverão ser tomadas com mais vagar e cuidado, tendo sempre presente a lei vigente. Assim, sem negar ao trabalhador o direito de reivindicar, de lutar por seus direitos, deve-se chegar a um consenso que assegure o respeito à lei e garanta ao País a tranqüilidade necessária. Não podemos, em hipótese alguma, é permitir que movimentos isolados e que numericamente pouco representam, venham a pôr o País inteiro em estado de choque, transformando esta grande Nação em uma república qualquer, onde a voz de uma minoria atuante possa sobrepor-se a dezenas de milhões que trabalham, que querem respeito a seu trabalho, mas que desejam, também, viver em paz e tranqüilidade.

- 4 -

11 DE MAIO DE 1979

Um inglês e o trem

Carlos Reverbel

Um dia desses tive de acompanhar um inglês em viagem pela nossa campanha. Era um gringo de aparência rubicunda e porte avantajado. A olho, dei-lhe dois metros e pico. Até aí, nada de extraordinário. O espanto apareceu quando assentei o olhómetro na direção dos pés do vivente. Calçava sapatos 54, conforme ele próprio me informaria, já de língua solta, ali pelo Pantano Grande.

A viagem ia correndo lindo no mais, até começar a chover canivete aos baldes. Os raios caíam guaxos e acolherados. Santa Bárbara! São Jerônimo! Era água que Deus mandava. Não podia ser diferente: ficamos ilhados numa estância, na costa do Ibicuí da Armada.

Os percalços não foram poucos, já se vê. E o inglês sempre firme, tirando tudo de letra, na maior desportividade. Só uma coisa o preocupava: ficar retido naqueles confinados, perdendo a reunião com o ministro Cirne Lima, a que devia comparecer no dia seguinte, em Porto Alegre. Negócio grande, de importação de gado.

"Não seja por isso", disse o fazendeiro. E providenciou na nossa remoção, a cavalo, até uma estação ferroviária, situada nas circunvizinhanças, coisa assim de três léguas de beijo, isto é, das grandes. No trote chasqueiro e alguma galopeadita daria tempo para pegar o trem noturno. "Thank you, very much". Era o inglês agradecendo, no soflagrante da despedida, a famosa "hospitality" gaúcha.

Por volta das 11 p.m. (como dizem os britânicos) apareceu o noturno se desmantelando e botando os bofes pela janelinha do maquinista, na falta daquelas provetas chaminés marca Maria Fumaça, de saudosa memória. Como manda a pragmática, vinha com umas duas horas de atraso. Na plataforma da estação cabia apenas a locomotiva, o bagageiro, o carro de segunda e o carroboteco fantasiado de restaurante. O grosso da composição ficou estendido ao longo da linha, com os degraus de cada vagão lá em cima, longe do chão.

Fazia uma noite de breu, dessas de até vagalume errar o caminho e perder o comando do voo. A eletrificação rural, que servia à estação, era representada por um liquinho, que bruxuleava a uns 80 metros do vagão-evereste que tínhamos de escalar, praticando al-

pinismo na escuridão do pampa. E o inglês comendo tudo em tranca, agüentando tudo no osso do peito, na desportividade de sempre. Tudo pra ele estava "very very good". E só tirava o cachimbo da boca para dizer OK.

Não seria por falta de ponto de apoio nos seus pés tamanho 54, mas o caso é que, ao escalar o vagão, qual jovem audaz do trapézio volante, o patriarca de Sir Winston Leonard Spencer Churchill errou de degrau, recebendo em consequência um rasgão de palmo na calça de flanela branca e um talho de bom tamanho na canela esquerda. Quando apertou no cabine que havíamos conseguido, engraxando as unhas do camareiro no unto de opipara gorjeta, estava em petição de miséria, mas o seu moral continuava o mesmo. "very, very good".

Como é de bom tom, assumi ares de "gentleman" e fui logo me apossando do leito superior, por ser o pior, suspenso no seu vertiginoso sacolejar. O inglês ficou no inferior, não tendo outro jeito senão optar pela clássica posição ginecológica. Acomodou-se de barriga para o ar, mãos cruzadas na nuca, joelhos erguidos, pernas abertas, olhos piscos e pervagantes. Depois de ter experimentado diversas posições (inclusive o decúbito dorsal), a ginecológica foi a única que lhe permitiu caber dentro do leito, uns 30 centímetros mais curto que a sua simpática e fleugmática pessoa. E assim chegou ao seu destino, aliás, ao nosso. "Good by", Mr. Gordon Hunt.

Isa esquecendo: antes de despedir-se ele declarou que iria primeiro ao Pronto Socorro, para tomar uma anti-tetânica, recolhendo-se depois ao City Hotel, para espichar as "legs".

Tenho para mim que este pequeno episódio ferroviário constitui uma das melhores demonstrações de subdesenvolvimento que poderíamos ministrar a um estrangeiro. Resolvi contá-lo, depois que li umas declarações em que o responsável pelo setor, no Rio Grande do Sul, diz não ser da competência da rede ferroviária o transporte de passageiros para o interior do Estado.

Diante disso e depois disso como dizia o conselheiro Rui Barbosa nas suas perorações, talvez seja o caso de transferir-se o problema ferroviário para a área da respeitável matrona assaz conhecida como vó do Badanha.

Autobiografia fantasiosa

Richard van Abbe, da UPI

Se você quer ver seu nome impresso em letras de forma, tem duas opções: ser preso ou contratar um escritor para escrever sua autobiografia. Contudo, dois irmãos canadenses de Toronto tiveram uma idéia ainda melhor. Por apenas 12,95 dólares (300 cruzeiros), eles lhe darão um livro encapado narrando suas façanhas como o maior conquistador, o maior herói, atleta ou aventureiro do mundo. Todo o trabalho é feito por computadores.

Bob Beckerman, de 28 anos, teve essa idéia quando era gerente do departamento de contas da Xerox, há uns 18 meses. Ele achou que os grandes computadores, como os utilizados pela Xerox, poderiam ter outras utilidades, além de enviar cartas estereotipadas com os nomes dos destinatários. Essas máquinas maravilhosas poderiam ser também usadas para dar um toque pessoal,

através da composição de livros "autobiográficos". Chamou, então, seu irmão Tom, de 26 anos, que trabalhava para uma firma de administração de empresas, mas era um especialista em computadores.

Ambos abandonaram seus empregos e se lançaram a uma nova empresa, investindo cerca de 30 mil dólares (713 mil e 700 cruzeiros). Tom idealizou um sistema de processamento de palavras capaz de redigir uma obra personalizada com o nome de uma determinada pessoa. Bob montou um esquema de comercialização e de publicidade. Inicialmente, ambos recorreram a escritores, que foram contratados para inventar "autobiografias" repletas de sensações e de aventuras. Mas os manuscritos enviados não serviram e os dois irmãos resolveram criar as histórias por sua própria conta.

Para produzir um livro de 30 páginas, no qual um pro-

tagonista domina o mundo, ou é o "astro mais quente" do rock mundial, ou vive como um milionário recluso, etc., Tom fica sentado junto a um painel ou terminal de computador, no escritório da Fantasy Publications, em Toronto, e simplesmente ordena ao computador para criar a história, introduzindo o nome, o sexo e algumas estatísticas vitais do freguês. Depois, aperta um botão e o computador solta páginas e páginas contendo uma história fantástica. Depois de minutos depois, o livro, com quatro histórias separadas, está pronto para ser encadernado em outra seção da firma.

Segundo afirmam os dois irmãos, 58 por cento dos clientes querem ser o maior amante do mundo. Em segundo lugar, vem o milionário. Até agora, a Fantasy Publications já vendeu uns cinco mil livros desse tipo, e segundo Bob, isso nos torna um best-seller no Canadá.

Folha da Tarde

FUNDADA EM 27 DE ABRIL DE 1936
 DIRETOR MANOEL A. ALBUQUERQUE
 DIRETOR EDMUNDO F. SOARES
 GERENTE ALCIDES O. GOMES

Rua Caldas Júnior n.º 218, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Telefones: 21-4155, 26-8555, 24-1122, 24-1397. Sucursal do 4.º Distrito: Av. São Pedro, 428, esquina Av. Farrapos. Telefone: 45-8001. Sucursal do Distrito: Av. Assis Brasil, 430. Telefone: 41-2722. Sucursal Melhores do Vento: Rua 34 de Outubro, 458. Telefone: 32-5464. Sucursal de Novo Hamburgo: Av. Lima e Silva, 253 - Térreo. Telefone: 32-1277. Sucursal de Rio de Janeiro: Rua da Quitanda, 3 - 4.º andar - Tenório. Telefone: 2-432278 e 2-432184. Telex 912-214-73. End. Telegráfico: 239-3486 e 239-3749. Telex: 011-2295. End. Tel. Jorcaldas, Sucursal em Brasília: Edifício José Severo, cont. 311/12 - SCS - Fone: 34-6411 - C. Postal 561. Telex: 861-1264. End. Telegráfico: Tenório.

Obras hidroviárias

Foram assinados dois contratos, entre a Portobrás e o Departamento de Portos, Rios e Canais, através dos quais será dado novo passo no trabalho de aparelhamento e modernização da navegação fluvial e lacustre no Rio Grande do Sul. Desta vez, os órgãos hidroviários do Estado e da União conjugarão esforços em duas frentes de trabalho. A primeira consiste na realização de obras de dragagem no rio Jacuí, já iniciadas nas proximidades de Cachoeira. Com esta iniciativa, a Portobrás e o Departamento de Portos, Rios e Canais voltam suas atividades para o Jacuí, cuja infra-estrutura, para fins de navegação, está na fase inicial, salvo no que diz respeito ao seu sistema de barragens, já concluído, o qual representa, por sua vez, o investimento mais vultoso e demorado. Temos nesta circunstância uma boa razão para que os trabalhos em favor da navegabilidade do referido curso d'água sejam intensificados, pois a parte mais complexa e custosa do empreendimento já chegou a termo. Em relação ao Taquari, com o término da barragem do Bom Retiro e com a construção do terminal hidro-rodo-ferroviário de Estrela, bem como em razão do que já se fez no próprio curso do rio em matéria de dragagem e canalização, os serviços já estão no estágio mais avançado, restando, apenas, trabalhos de complementação. Tanto assim que o Taquari apresenta, nesta altura, um movimento regular e crescente de sua navegação, para embarcações de até 2 metros e 50 de calado. Além dos trabalhos de dragagem do Jacuí, objeto de um dos contratos agora firmado entre o Departamento de Portos, Rios e Canais (órgão estadual) e a Portobrás (entidade federal), o outro contrato prevê serviços, também de dragagem, nos canais que dão acesso a Lagoa dos Patos. Com a desobstrução desses canais, estes poderão ser utilizados, com segurança, por navios de grande calado, nas viagens para Porto Alegre, através da Lagoa. Para o atendimento dessas duas novas frentes de trabalho (a do Jacuí e a da Lagoa dos Patos) foi destinada uma verba de 30 milhões de cruzeiros, primeira parcela de uma dotação mais elevada, a ser liberada por etapas. Seria de todo interesse que esses recursos iniciais sejam suplementados na medida em que forem sendo empregados, de modo a que as obras a que se destinam possam manter o necessário ritmo de continuidade. Como o que resta para a plena navegabilidade do Jacuí e do Taquari, em termos de investimento, é uma dotação relativamente modesta, pois as obras de maior vulto, como as barragens nos dois rios, já foram concluídas, valeria a pena o esforço de providenciar-se, o quanto antes, na sua liberação, através de parcelas cada vez mais substanciais, de modo que os trabalhos nas duas hidroviárias possam ser acelerados. Desta forma, os investimentos que ali vêm sendo realizados, há tanto tempo, entrarão numa fase de plena reprodutividade econômica, contribuindo, ao mesmo tempo, para mudar a imagem da navegação interior no Estado, com a reabilitação desse insubstituível meio de transporte. A opção pelo sistema rodoviário, nos termos em que foi adotado entre nós, tem de ceder a vez aos outros meios de transporte, a fim de que se possa estabelecer entre eles, um dia, o equilíbrio que deve existir, mesmo porque sem esse equilíbrio jamais se conseguirá fazer a integração e estabelecer a racionalização entre os diferentes tipos de transporte, como condição para um desenvolvimento harmonioso.

Gente de Quaraí

Carlos Reverbel

Era uma festa escolar, dessas de formatura, nas quais se caprichava antigamente. A cerimônia realizou-se no Teatro São Pedro, para desespero do Dante Barone, então diretor do estabelecimento.

Sendo um próprio do Estado, o velho Teatro era solicitado, naquela época, por gregos, troianos e outros invasores. Funcionava mais como casa da sogra do que, propriamente, como teatro.

Assim, suas portas eram franqueadas, por esdruxula municipalidade estatal, para a realização de atos públicos da maior impropriedade, entre os quais, diga-se a bem da verdade, os de natureza escolar não eram dos mais inadequados.

Em todo o caso, a contumácia com que fora desviado de suas finalidades específicas, deixando-o seguidamente sem datas para o exercício de suas verdadeiras funções, deve ter sido um dos mais melancólicos capítulos de seu passado, embora não figure na história oficial do estabelecimento.

Seria de desejar que isto não se repetisse, após a reabertura do Teatro São Pedro, ainda não se sabe quando, pois os trabalhos de sua restauração foram acometidos de trombose e paralisia geral, por falta de numerário, como diria o dr. Borges de Medeiros. Mas esta já é outra história, de que pretendo ocupar-me noutra oportunidade, depois de ouvir dona Eva Sopher, protagonista involuntária da nova sinfonia inabastada.

Agora preciso reatar o fio daquela lembrança. O Barone preparara o ambiente para a festividade, embora a contragosto, pois não lhe agradava assistir a quebra das grandes tradições do glorioso Teatro. Mas não podia desobedecer ordens baixadas de cima, tão irredutíveis quanto os desígnios da providência.

Podia, entretanto, reduzir os preparativos à expressão mais simples. E foi o que fez, limitando-se a colocar no palco, sob a luz de gabiarras encabaladas, tosca mesa de

cavalete, dessas de churrasco ou convescote, cobrindo-a com descolado pano de veludo, já avançado na desabalada cor de burro quando fogue.

Para salvar as aparências, caprichou nos arranjos florais e no abastecimento de água potável aos oradores de praxe, em geral mais sequiosos do que os autais, pois os ademanos com o copo d'água faziam parte da eloquência, desde Demóstenes, conforme doutrina o popular tribuno Chagas e Silva.

Num dado momento, quando a cerimônia já perdera um pouco da sua solenidade, talvez por força do calorão de dezembro (as noites de formatura ainda são as mais quentes do ano), as autoridades que ocupavam a mesa começaram a entretelhar-se e a ter dificuldades para conter insidiosos frouxos de riso. Haviam se dado conta, de supetão, de que todos eram filhos de Quaraí. E desta forma estavam realizando, ali reunidos, uma performance migratória que talvez não se encontrasse nem mesmo nos opulentos fastos ambulatórios do Ceará.

Posso recordar o episódio por que dele participei, representando o dr. Coelho de Souza, o maior secretário de Educação que o Rio Grande já teve. Os demais membros da mesa eram a professora Olga Acauan Geyer, o general Outubirino da Graça, a professora Florinda Tubino Sampaio, a poetisa Lila Ripoll e o compositor e pianista Natho Hehn, que ocupavam, na ocasião, destacadas funções no sistema educacional do Estado.

A partir do momento em que todos se aperceberam que eram naturais de Quaraí, houve diversas manifestações, em tom de brincadeira. Lembro-me de que Lila Ripoll também perpetrou o seu gracejo, dizendo que a equipe ficaria muito melhor e tornar-se-ia muito mais representativa se pudesse ser reforçada, naquela mesa, pelas duas maiores figuras do selecionado quaraíense: Dionélio Machado e Ciro Martins.

O carro elétrico vem aí

Especial da UPI

A General Motors Corp. acha-se preparada para anunciar a eliminação dos obstáculos que se opunham à tecnologia de construção de baterias que há muito tempo os engenheiros vinham procurando para produzir um carro elétrico.

Elliott Estes, presidente da GM, convocou para hoje uma coletiva com a imprensa, esperando-se que formará pormenores do aprimoramento de uma nova bateria, mais leve, com maior carga e a base de óxido de níquel e zinco.

O aperfeiçoamento, descrito por fontes da GM como o maior passo da indústria automobilística, a fim de colocar no mercado um carro elétrico em cinco anos, foi descrito como parte da pré-estrela de um modelo de veículo de 1990, que Elliott Estes superintende.

O principal fabricante norte-americano de veículos trabalha há anos na substituição da bateria de ácido e chumbo, usada hoje nos carros elétricos submetidos à pesquisa, por uma célula elétrica que pesa pouco mais e mantém por mais tempo a energia entre as recargas.

Evidentemente, os fabricantes deram o maior passo no aprimoramento de uma bateria à base de zinco e níquel, que daria a um carro elétrico o dobro de sua capacidade de circulação entre as recargas, se comparado com os veículos atualmente em teste. Por algum tempo, a GM vinha declarando esperar iniciar em meados de 1980 a produção dos carros elétricos, colocando, porém, como condição a superação de obstáculos tecnológicos.

A nova bateria à base de óxido de zinco e níquel, parece enquadrar-se na programação da empresa, pelo menos a médio prazo, segundo disseram fontes da GM, ressaltando que não haverá a programação imediata de vendas de carros elétricos, enquanto permita ao fabricante incluí-la em sua agenda.

O "veículo urbano de passageiros" elétrico, previsto pela GM, terá a velocidade máxima de 80 quilômetros por hora, rodará 101 quilômetros entre as recargas e exigirá novas baterias entre 32 mil e 48 mil quilômetros.

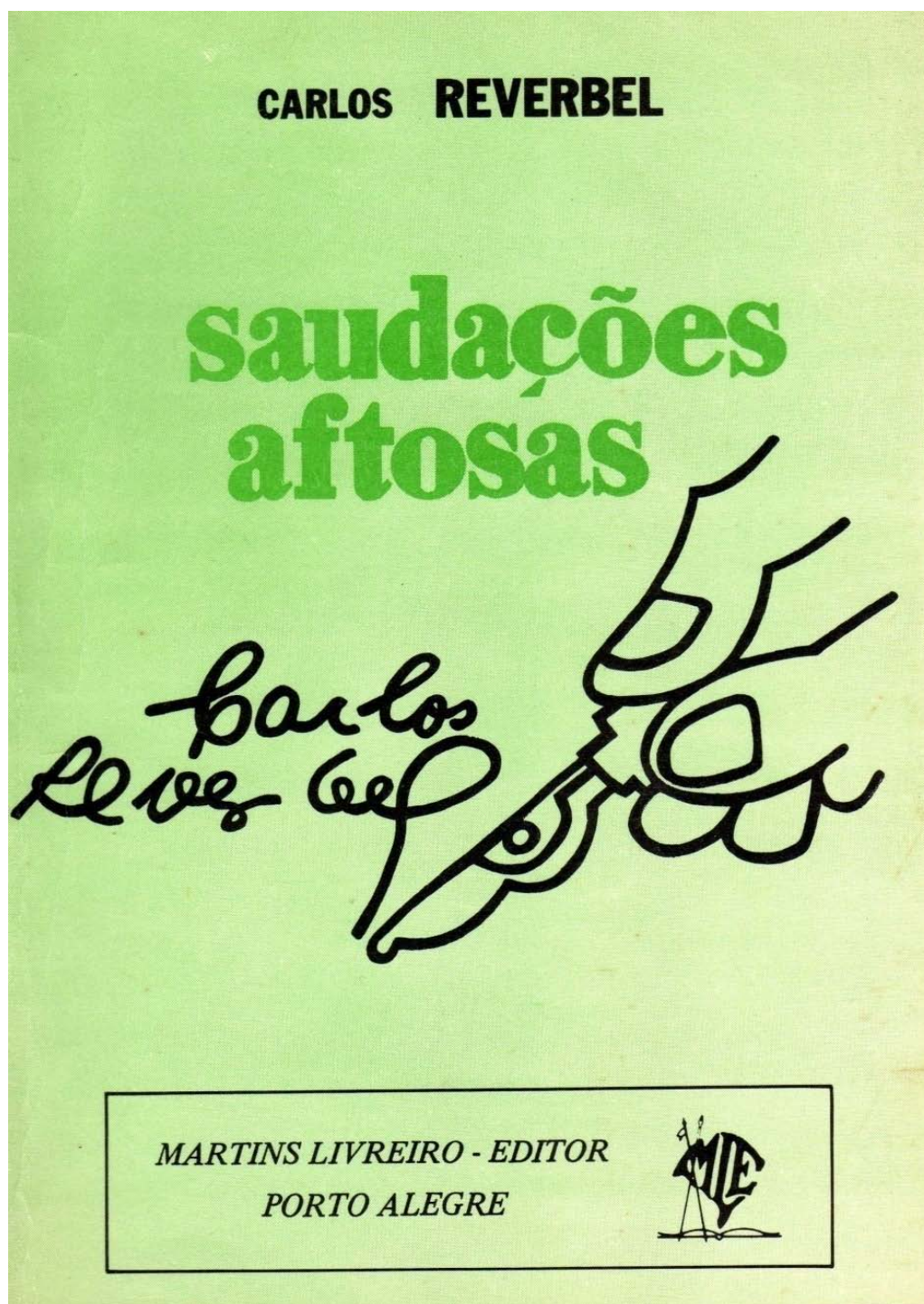
Falta revelar a verdadeira natureza dos obstáculos mencionados, embora fontes da companhia tenham dito que eles se referiam ao número de vezes a que a bateria podia submeter-se a recargas.

Também não se revelou o custo das novas células elétricas, que deverão ser mais caras do que as baterias de chumbo e ácido, embora também muito mais viáveis e, como consequência disso, de preço relativo mais cômodo, segundo indicaram fontes técnicas da GM.

Presume-se que os trabalhos de aperfeiçoamento da nova bateria concentraram-se na fábrica Delco-Remy, de GM (em Muncie, Indiana) que tem instrumentos de fabricação experimental e conjuntos de células de óxido de zinco e níquel, seladas e de livre manutenção.

Também no futuro surgirá um promissor sistema energético: uma bateria de sulfeto de lítio e ferro, que funciona à temperatura elevada e oferece o potencial equivalente a 2,5 vezes da energia proporcionada pelas células de óxido de zinco e níquel.

ANEXO F – Capa do livro Saudações Aftosas (1980), de Carlos Reverbel



ANEXO G – Nota do autor sobre o livro Saudações Aftosas (1980)

